

KARINA DE OLIVEIRA DUARTE
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

**O GESTO DE DESOBEDIÊNCIA FEMININA NAS OBRAS “*EROS E*
PSIQUÊ” E “*A LESTE DO SOL E A OESTE DA LUA*”: FILIAÇÃO OU
RUPTURA NA RELAÇÃO COM DISCURSO PATRIARCAL?**

CÁCERES-MT

2023



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

KARINA DE OLIVEIRA DUARTE

O GESTO DE DESOBEDIÊNCIA FEMININA NAS OBRAS “*EROS E PSIQUE*” E “*A LESTE DO SOL E A OESTE DA LUA*”: FILIAÇÃO OU RUPTURA NA RELAÇÃO COM O DISCURSO PATRIARCAL?

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Orientadora: Dra. Ana Maria Di Renzo.

CÁCERES - MT

2023

DUARTE, Karina.

D812o O Gesto de Desobediência Feminina nas Obras “Eros e Psiquê” e “A Leste do Sol e a Oeste da Lua”:Filiação ou Ruptura na Relação com o Discurso Patriarcal? / Karina Duarte - Cáceres, 2023.
73 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.

Orientador: Ana Maria Di Renzo

1. Análise do Discurso. 2. Literatura. 3. Mulher. 4. Memória. 5. Sujeito. I. Karina Duarte. II. O Gesto de Desobediência Feminina nas Obras “Eros e Psiquê” e “A Leste do Sol e a Oeste da Lua”:: Filiação ou Ruptura na Relação com o Discurso Patriarcal?.

CDU 821.134.3



DEDICATÓRIA

À memória de Nilza,
Avó e exemplo de força.



AGRADECIMENTOS

Não fosse a grande gentileza e paciência com as quais fui recebida no Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* em Linguística, da UNEMAT, por minha mestra e orientadora Prof. Dra. Ana Maria di Renzo, não seria possível a elaboração deste trabalho. Face a isso, não poderia iniciar meus agradecimentos a outra pessoa senão à minha mentora, que incentivou meu instinto pesquisador e me acolheu com as melhores instruções que eu poderia receber e, por isso, sou eternamente grata.

Direciono minhas palavras de gratidão, de modo semelhante, aos discentes que compõem minha banca, Profa. Pós-Dra. Vera Lúcia da Rocha Maquea e Prof. Dr. Fernando Jesus da Silva, que proporcionaram a este trabalho contribuições esclarecedoras, tanto em se tratando de questões estruturais quanto em relação à dificuldade em superar os discursos patriarcais que permeiam minha própria experiência enquanto mulher. Portanto, sou grata na qualidade de pesquisadora e de sujeito afetado pelo discurso.

Agradeço, também, à minha mãe, Silvia de Almeida Oliveira, e em seu nome à toda minha família, por estar ao meu lado durante a elaboração deste projeto, ouvindo-me e aconselhando-me. Além disso, pela formação pessoal que me deu e o grande amor com que cuidou, sempre, de mim.

Não poderia, de modo algum, deixar de agradecer a Larissa dos Santos Mamedes, Eliel Alves Camerini e João Cordeiro de Sobral Neto, meus amigos do coração e companheiros no caminho de minha vida. Sou imensamente agradecida por todo apoio emocional que me deram, por suas preciosas colaborações em noites afincando de conversas sobre as diferenças de gênero e por suas sábias sugestões acerca deste trabalho.

Findo meus agradecimentos com o retorno ao início de minha construção intelectual. Creio, portanto, que o sujeito é um reflexo dos caminhos que percorreu durante a vida, e, como sujeito, tive em minha história a distinta perseverança de professores que lutam por uma educação de qualidade. Assim, sou grata a todos os mestres que propiciaram meu desenvolvimento científico, mas, sobretudo, crítico e cidadão, desde minha Educação Infantil, Ensinos Fundamental e Médio até o Ensino Superior. Sem esses profissionais, não haveria a



possibilidade da conclusão desta obra nem a minha formação como pesquisadora e pessoa que busca o bem comum.

RESUMO

Estudo filiado à linha de pesquisa Estudo de Processos Discursivos, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade do Estado de Mato Grosso. Tem como objetivo analisar os processos de significação e reprodução de sentidos no discurso sobre o feminino, especificamente na narrativa *Eros e Psiquê*, de Apuleio (Final do século 2), e no conto de fadas *A Leste do sol e oeste da lua*, de Asbjornsen e Jorgen Moe (1842). Trata de refletir sobre as concepções acerca do sujeito mulher que assume dada configuração determinada por condições ideológicas. Desse modo, buscar-se-á observar em que medida essa posição é descrita na perspectiva patriarcal ao longo da história a partir de conceitos chave propostos pela teoria da Análise do Discurso de matriz francesa. Nesse esteio, lançaremos mão de questões sobre o sujeito, interdiscurso, ideologia, memória, condições de produção, dentre outros, para compreender como os efeitos de sentido produzidos ainda hoje significam a mulher. Dessa forma, por meio do dispositivo teórico e analítico, estabeleceremos a relação entre as textualidades selecionadas de maneira a observar em que proporção o mito *Eros e Psiquê* e o conto de fadas *A Leste do sol e oeste da lua* funcionam na estabilização de sentidos e no apagamento do sujeito mulher e sua posição histórico/política, de forma que deixa escapar gestos de desobediência que apontam para uma possível ruptura das personagens ao discurso patriarcal, uma vez que revela a rebeldia e o inconformismo do feminino.

Palavras-Chave: Análise do Discurso; literatura; mulher; memória, sujeito, condições de produção.



ABSTRACT

Study affiliated to the research line Study of Discursive Processes, of the Graduate Program in Linguistics (PPGL), of the University of the State of Mato Grosso. It aims to analyze the processes of meaning and reproduction of meanings in the discourse about the feminine, specifically in the narrative Eros and Psyche, by Apuleio (Late 2nd century), and in the fairy tale East of the sun and west of the moon, by Asbjornsen and Jorgen Moe (1842). It tries to reflect on the conceptions about the subject woman who assumes a given configuration determined by ideological conditions. Thus, it is sought to observe to what extent this position is described in the patriarchal perspective throughout history from key concepts proposed by the Theory of Discourse Analysis of french matrix. In this mainstay, we will use questions about the subject, interdiscourse, ideology, memory, production conditions, among others, to understand how the effects of meaning produced even today mean the woman. Thus, through the theoretical and analytical device, we will establish the relationship between the selected textualities in order to observe in what proportion the myth Eros and Psyche and the fairy tale East of the sun and west of the moon work in the stabilization of senses and in the apstatement of the female subject and its historical/political position, in a way that allows to escape gestures of disobedience that point to a possible rupture of the characters to patriarchal discourse, since it reveals the rebelliousness and nonconformism of the feminine.

Keywords: Discourse Analysis; literature; woman; memory, subject, production conditions.



SUMÁRIO

Introdução	08
1. Os caminhos da leitura: quando uma mulher se lê nas palavras do patriarcado	20
1.1 Um breve retorno aos percursos do patriarcado ao longo da história	23
2. <i>Eros e Psiquê</i> e <i>A leste do sol e a oeste da lua</i> : as representações simbólicas da mulher no discurso da literatura	34
2.1. As condições de produção discursiva do mito <i>Eros e Psiquê</i>	35
2.2 <i>Eros e Psiquê</i> : uma representação do amor ou um aprisionamento feminino?	42
2.3 As condições de produção discursiva do conto de fadas <i>A Leste do Sol e a Oeste da Lua</i>	57
2.4 <i>A Leste do Sol e Oeste da Lua</i> : era uma vez o mágico poder da mulher submissa na literatura patriarcal	59
2.5 <i>A Leste do Sol e a Oeste da Lua</i> e <i>Eros e Psiquê</i> : uma relação textual e uma reprodução de sentidos	64
3. Considerações Finais	67
4. Referências Bibliográficas	70



INTRODUÇÃO

O mecanismo exige e exige a minha vida. Mas eu não obedeco totalmente: se tenho que ser um objeto, que seja um objeto que grita.

(Clarice Lispector, 1973, p. 61)

Esta pesquisa busca observar de que modo a representação feminina em duas formações discursivas: uma narrativa do mito *Eros e Psiquê*, realizada por Apuleio (Final do Século 2), e a outra a partir do conto de fadas norueguês, *A Leste do Sol e a Oeste da Lua*, de Peter Christen Asbjornsen e Jorgen Moe (1842), propicia pensar a desobediência enquanto evidência de ruptura com o discurso patriarcal, à medida que possibilita novos gestos de interpretação acerca do ato subversivo da mulher em relação a ele. Desse modo, faz-se possível compreender a relevância da questão ao analisar a visão patriarcal difundida, ideologicamente, no imaginário coletivo acerca do que se entende por mulher. Para tanto, faz-se necessário compreender até que ponto a literatura universal, notadamente com base nas narrativas de *Eros e Psiquê* e *A Leste do Sol e a Oeste da Lua*, se constitui a partir da ideologia patriarcal, propiciando um olhar atento consoante às tensões simbólicas nas questões sobre a mulher, presentes nas materialidades em voga.

Nesse esteio, por meio das formações discursivas que serão analisadas, é possível observar o poder do discurso cristalizado na sociedade e, conseqüentemente, os efeitos das condições de produção histórica sobre a ideologia e os modos como a falha, elemento constitutivo do discurso, propicia outros sentidos possíveis.

Para tanto, faz-se necessário compreender que o conceito de formação discursiva vem sendo desenvolvido a partir de acontecimentos enunciativos que articulam sentidos precedentes que ecoam no tempo e seu apagamento com a ilusão de originalidade do dizer. Assim, para Foucault¹ (1969, p. 43), pode ser definida enquanto uma certa regularidade entre enunciados diferentes, de diversas fontes e dispersos no tempo, mantendo uma ligação de correlação. Pêcheux² (1975, p. 160-161), por sua vez, inclui na concepção de formação discursiva uma

¹ Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves (1987).

² Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al] (1995).



relação condicionada à formação ideológica, ou seja, ela é reflexo do que pode e deve ser dito pelo sujeito falante que se inscreve em dada formação ideológica.

Além disso, faz-se necessário estabelecer o que Pêcheux (ibidem, p. 151-152) menciona enquanto ideologia, que se constitui como uma estrutura e funcionamento que dissimula sua existência ao criar uma ilusão de que o sujeito é a origem do dizer e de si mesmo, ela é o que chama o sujeito a existir enquanto subjetividade coletiva, apagando, causando esquecimento de que esses sentidos já estavam dados, definidos, resumida no recorrente enunciado: “todo mundo sabe” (ibidem, p. 160). Portanto, a ideologia está paradoxalmente sempre em todos os lugares, em todos os sentidos e sujeitos, mas ao mesmo tempo escapa às falas do dia-a-dia, aos escritos, às produções científicas, aos sermões religiosos, aos ensinamentos familiares ao dissimular sua presença imperativa com o disfarce de sua ausência, determinando o que é, o que deve ser.

Outro conceito relevante que será acessado no decorrer da pesquisa, refere-se à caracterização das condições de produção. Para tanto, Orlandi (1985, p. 265), propõe que as condições de produção são o contexto de situação em que o discurso é produzido, envolvendo os interlocutores, as formas de antecipação nessa relação e os lugares sociais de onde enunciam; as situações contextuais em que o discurso emerge; e suas relações de sentido com outros discursos. Dessa forma, é essencial pensar as condições de produção uma vez que os sentidos de uma palavra se transformam de uma formação discursiva a outra, de um sujeito a outro, de uma situação a outra, em vista de seu contexto.

Destarte, vale ressaltar que palavras e sentidos se materializam em discurso a partir da relação que mantêm com o pré-construído, com os sentidos que já estão sempre lá, antes de nós e que nos interpelam em sujeito. Por isso, interessa-nos pensar as concepções acerca do que é e do que deve ser uma mulher de acordo com os textos em análise, uma vez que não são tão somente a expressão do pensamento de um autor ou de uma época, mas são rastros, fragmentos que compõem um sistema, que sustenta a posição da mulher como frágil, inferior e sem voz, uma regularidade entre discursos perpetuados ideologicamente ao longo do tempo.

Não obstante, nesse mesmo ponto reside a falha, o silêncio que nos fala e que anuncia a presença da mulher: a desobediência. Nesse sentido, Psiquê, em sua existência, é um ato de rebeldia, conforme as palavras da deusa Vênus, é culpada por uma “formosura rebelde” (APULEIO, Final do Século 2). Logo, torna-se relevante retomar o que Orlandi menciona acerca do equívoco, ao passo que sob essa perspectiva trataremos as questões sobre o feminino, considerando que a Análise do Discurso é uma ciência da interpretação, e carrega consigo os sentidos, que podem ser vários.



Partindo desse pressuposto, de acordo com Orlandi (2001, p. 64), a relação da história com a língua não pode ser concebida sem falhas, uma vez que envolve a leitura e todas as possibilidades de sentidos que carrega. Por essa conjuntura, a desobediência de Psiquê se faz enquanto a falha no discurso patriarcal, a voz que grita no silêncio do texto, a representação feminina que habita no equívoco e, à proporção que existe, resiste.

Desse modo, a análise discursiva de *Eros e Psiquê* e *A Leste do Sol e a Oeste da Lua* nos dá visibilidade, a partir dos estudos da Análise do Discurso de linha francesa, sustentadas por materialidades linguísticas, às representações femininas fundadas no discurso patriarcal. Por conseguinte, o interdiscurso possibilita a percepção de que cada sujeito pode assimilar o discurso de maneira distinta, tanto antagonicamente quanto por submissão, pois o interdiscurso, de acordo com Orlandi (1999, p. 31), pode ser estabelecido em relação à memória discursiva, ao já-dito que é acessado e sustenta o que está sendo dito.

Em *Eros e Psiquê*, é apresentada a história de Psiquê, uma moça com beleza inigualável, que provoca o ciúme de Vênus, ordenando que seu filho Eros castigue a mortal, uma vez que seus altares foram abandonados em razão da jovem. Nessa linha, a narrativa se desenvolve a partir do relacionamento amoroso entre o deus e a mortal, levando Psiquê a um casamento no qual não pode ter conhecimento de quem é seu cônjuge. Por essa via, a protagonista desobedece a ordem do esposo e é levada à uma série de tarefas para reconquistá-lo.

Por sua vez, em *A Leste de Sol e Oeste da Lua*, uma moça pobre, mas também muito bela, é dada em casamento à um urso branco em troca de riquezas. Assim, num tom misterioso e encantador, a moça tem relações sexuais com alguém que não pode ver, despertando sua curiosidade e desobediência, bem como em *Eros e Psiquê*, perdendo seu esposo e enfrentando desafios para reatar a relação.

Por conseguinte, nas duas narrativas é possível observar a configuração do que se entende pelo que deve ser a atitude de uma mulher e as consequências que envolvem seu desvio desse padrão. Portanto, em sociedades distintas, histórias dispersas no tempo, que apresentam uma relação tanto intertextual quanto interdiscursiva, conduzirão a pesquisa em voga. Para tanto, as obras serão tratadas detalhadamente no capítulo II, de modo a propor uma análise que as relacione ao discurso do patriarcado na literatura produzida por homens e as formas como a desobediência podem atuar como uma ruptura ao discurso patriarcal.

É relevante destacar a peculiaridade dos textos analisados ao tratar de um assunto de extrema importância, como é a compressão do sujeito mulher em nossa sociedade ainda que,



por mais reafirmado que seja, não inviabiliza a resistência de mulheres estigmatizadas e sufocadas, uma vez que foi historicamente constituído. Assim, tanto em se tratando da Psiquê da mitologia quanto da dos contos de fada, há um ímpeto de inconformismo determinado pela falha em relação ao discurso patriarcal, uma vez que a submissão apaga os gestos de desobediência da mulher. Por outro lado, Althusser estabelece a literatura como um dos *Aparelho Ideológico do Estado* no que tange à função educacional e formativa que tem enquanto Aparelho Cultural, produzindo, assim, efeitos de sentido em relação às mulheres nas obras em voga de modo que são interpeladas pelo discurso.

Nota-se, por essas questões, a pertinência de um estudo que leve em conta o contexto histórico e social da produção dos textos literários e uma análise no tocante à reprodução de obras da literatura na construção de um ideal feminino que sustentasse o pensamento patriarcal, mas que apresenta fissuras a partir do gesto de interpretação, com o movimento de ruptura escapando em sua materialidade. Para tanto, esta pesquisa busca compreender os processos de significação envolvidos no discurso sobre a mulher, assumindo como dispositivo teórico a Análise de Discurso de linha francesa e brasileira.

A partir dessa conjuntura, vale ressaltar que deslocar o olhar para questões subjetivas e problematizar processos de significação aparentemente inertes não é tarefa fácil. Nessa esteira, para configurar a discussão que pretendemos delinear, faz-se necessário levar em conta alguns questionamentos, dentre eles: o que é mulher? Quais implicações e sentidos carregam o sujeito mulher? Como é definido pela literatura clássica o feminino? Como a literatura, enquanto Aparelho Ideológico de Estado, atua no funcionamento da linguagem e afeta no real da história? E ainda, de que modo esse mesmo AIE pode propiciar os movimentos de resistência dos sujeitos silenciados?

Para tanto, "... É através da instauração dos Aparelhos Ideológicos de Estado, em que essa ideologia [a ideologia da classe dominante] é realizada e se realiza, que ela se torna a dominante" (Pêcheux, 1996, p. 144)³. Nota-se, por esta via, que os discursos dominantes se instauram enquanto ideologias cristalizadas e, até mesmo, naturalizadas pelos/nos Aparelhos Ideológicos de Estado. Dessa forma, ao relacionar o mito de *Eros e Psiquê* com o conto de fadas *A Leste do Sol e a Oeste da Lua*, é possível observar um discurso similar que perpassa os dois textos no tocante a relação de poder entre homens e mulheres sob a visão patriarcal, de

³ Tradução de Vera Ribeiro (1996).



modo que se evidencia uma ideologia enraizada, neste caso em análise, pela literatura escrita por homens, revelando a opacidade da linguagem e os desdobramentos históricos e significativos na constituição do sujeito mulher no imaginário coletivo, mas que nessa opacidade deixa rastros, fragmentos da rebeldia e inconformismo das mulheres que desobedecem.

Assim, Simone de Beauvir menciona que,

Praticamente, assim como para os Antigos havia uma vertical absoluta em relação à qual se definia a oblíqua, há um tipo humano absoluto que é o masculino. A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. "A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades", diz Aristóteles. "Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural". E Sto. Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser "ocasional". É o que simboliza a história do Gênesis em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um "osso supranumerário" de Adão. A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo. "A mulher, o ser relativo...", diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em *Rapport d'Uriel*: "O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem". Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para êle, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. [...] Como se entende, então, que entre os sexos essa reciprocidade não tenha sido colocada, que um dos termos se tenha imposto como o único essencial, negando toda relatividade em relação a seu correlativo, definindo este como a alteridade pura? Por que as mulheres não contestam a soberania do macho? Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; êle é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. De onde vem essa submissão na mulher? (1970, p.10 e 11).

Em virtude de compor uma análise em relação à definição do feminino, a autora esclarece a diferenciação entre homem e mulher como uma dicotomia descrita de forma injusta, onde o homem se define como o "Um" e a mulher representa o "Outro", permitindo-se ser subjugada a essa representação. Desse modo, torna-se evidente o aspecto materialmente histórico da visão patriarcal em relação ao eterno feminino, revelando, portanto, os interesses políticos em manter a mulher numa posição de dominada.

De forma que a literatura funciona, também, como meio de disseminação de um modelo feminino sob o olhar nada neutro dos homens. Assim, cria-se, pelo silenciamento, uma



sociedade que dá lugar à violência contra a mulher, que suprime seus espaços políticos e que exalta a desvalorização feminina. Dessa forma, a linguagem é utilizada para reafirmar que a mulher é o diferente, o incompleto, o erro, o menor e o mais frágil dos lados da dicotomia, ao passo que o feminino não tem voz para definir-se a si mesmo, mas é, na maioria das vezes, caracterizado pelo patriarcado.

Para Orlandi (2007), ao dizer, o um (locutor) cria uma relação com o que não é dito, esse é o espaço conceitual que a teórica chama de silêncio. Assim, o silêncio funciona enquanto fundante do discurso, ele é o espaço vazio entre uma palavra e outra, aquilo que não foi dito, mas poderia ter sido, os outros sentidos que não foram chamados a existir em dado discurso residem no silêncio, para esta pesquisa, é no silêncio que encontraremos a voz da mulher, as narratividades que a define, constitui, mas que revela a incompletude, a falha, os gritos abafados pela literatura produzida por homens, mas se apresenta nos atos de desobediência das mulheres.

É imprescindível mencionar que para que haja uma compreensão profunda do assunto tratado, ao ler o mito que se relaciona, também, como intertexto com o conto de fadas, é necessário entender que as relações culturais entre o homem e a mulher se transformaram. Desse modo, relacionar a narrativa do mito de *Eros e Psiquê* ao conflito interno do feminino em relação ao masculino, exige uma analogia ao primeiro encontro sexual entre o homem e a mulher após a descoberta da relação entre o sexo e a concepção. Refere-se, assim, para o homem um momento de violência e conquista, todavia, para a mulher esse momento representa a descoberta de um mistério, assim como em Psiquê nas núpcias da morte, o mistério da morte de um ciclo.

Dada esta relação de poderes entre o feminino e o masculino, no tocante à coesão discursiva presente nos textos, faz-se notável a tentativa que há, desde a antiguidade, em inibir a alma feminina, sujeitando-a a um estado de submissão. Esse discurso tem sido disseminado e difundido por *Aparelhos Ideológicos de Estado* como a família, a igreja, a escola e a literatura.

Para tanto, nas obras a serem estudadas, o patriarcado aparece como uma implicação de que as ações autônomas das mulheres atuam, no casamento, como uma forma de ferir o esposo, assim, causando o fim da relação. Por outro lado, o ato de se rebelar reside na falha do discurso, no equívoco a subversão da mulher - na narrativa e no real da história - se apresenta como possibilidade de outros sentidos. Não obstante, faz-se necessário destacar que o patriarcado não se dá de um único modo ao longo da história e em sociedades distintas, todavia, se constitui de



modo a carregar as especificidades próprias da condição de produção que circunscreve os discursos que o sustenta.

De acordo com Stearns (2006)⁴

As civilizações, de uma forma geral, aprofundaram o patriarcado e, ao mesmo tempo, definiram seus detalhes de formas distintas que combinavam com crenças e instituições mais amplas de cada civilização em particular. Nesse sentido, pondo um selo próprio no patriarcado, cada civilização uniu as questões de gênero com aspectos de sua estrutura cultural e institucional

Por essa via, vale destacar que as sociedades clássicas também apresentavam variações em seus sistemas de gênero de modo que, por exemplo, a Mesopotâmia e a China mantiveram um patriarcalismo mais severo, enquanto na Grécia e em Roma as mulheres tinham leves direitos em relação às demais civilizações, mas enfatizando, ainda, a inferioridade feminina. Conforme Stearns (*ibidem*)

A civilização clássica no Mediterrâneo apresentou ainda [...] uma forte ênfase no racionalismo na filosofia e na ciência forjou uma tradição de distinguir traços intelectuais, considerados masculinos, e traços mais emocionais e menos mentais, atribuídos às mulheres. Pensadores gregos apregoavam um bom tratamento para a mulher, ao mesmo tempo em que reforçavam sua inferioridade e seus papéis altamente domésticos. A atuação pública, assim como papéis atléticos, eram reservados aos homens. Estuprar uma mulher livre era crime, mas merecia punição menor do que seduzir uma esposa – pois isso envolvia conquistar a afeição e lealdade que ela devia ao marido. No entanto, algumas mulheres possuíam propriedade; sua presença pública era maior do que na China. E as condições melhoraram no período helenístico, pelo menos na alta classe, com a participação das mulheres em atividades culturais e comerciais (embora sob a guarda masculina).

Além do mais, em Roma, as condições das mulheres novamente se aprimoraram com o tempo – desafiando o padrão geral (embora houvesse um retorno subsequente depois do primeiro século da era comum, sob o Império).

Por conseguinte, o patriarcado se instaura nessas civilizações de modo a possibilitar alguns direitos às mulheres com a ressalva de continuarem submissas e, conforme se confirma no discurso proposto em *Eros e Psiquê*, os espaços femininos ainda eram delimitados a partir da determinação masculina. Todavia, os gestos de rebeldia feminina demarcam sinais de ruptura, a presença da vingança feminina, por exemplo, com o ferimento de Eros provocado por Psiquê com todos os símbolos que carrega, não deixa de ser a faísca que reside em toda mulher, que mesmo que se renda ao patriarcado e seja interpelada por seu discurso ainda se revolta.

⁴ Tradução de Mirna Pinsky (2012).



Por outro lado, nas sociedades escandinavas, bem como em *A Leste do sol e a oeste da lua*, o patriarcado se deu de modo peculiar, propiciando uma liberdade velada, similar aos dias modernos em que os direitos alcançados são suprimidos por outras formas de assujeitamento da mulher. O conto representa bem essa relação dicotômica de liberdade e submissão presente nos sistemas de gênero das sociedades vikings, verbi gratia, na passagem em que a moça pode escolher se aceita a proposta do grande Urso Branco, mas carrega nessa escolha a pressão do pai para que se case em troca de riquezas. Conforme Delvalle (2014, p. 07, apud JESCH, 2003),

Na sociedade escandinava, a mulher tinha que cuidar das crianças pequenas, preparar e cozinhar o alimento, limpar a casa e lavar a roupa. Era a mulher que cuidava dos feridos, doentes e idosos. Quando o homem estava ausente, ela ficava encarregada da autoridade doméstica e seu símbolo era um molho de chaves preso ao cinto. Geralmente eram os pais que escolhiam o marido para as filhas, mas elas não eram obrigadas a casar. Nem a idade ou a falta de virgindade eram empecilhos para o casamento. As mulheres podiam pedir divórcio (entre os motivos, por exemplo, a impotência), ter propriedades e bens legais. As viúvas podiam se tornar poderosas com a herança do marido. Não existem evidências da participação feminina em batalhas como guerreiras (a exemplo do que ocorria com os Celtas), mas as mulheres nórdicas eram integrantes de expedições colonizadoras e podiam participar na defesa armada em casos de ataques.

Por conseguinte, é possível notar as especificidades do modo como o patriarcado se constitui de formas distintas e causa a ilusão de que é uniforme, permanente e necessário. Não obstante, deixa escapar nas narrativas analisadas as diferenças de seu modo de atuação, em textos que se colocam enquanto releituras, todavia apresentam diferenças que significam em seus discursos. Assim, se por um lado, em *Eros e Psiquê* há a presença de irmãs ditas invejosas, buscando a vingança contra o homem por intermédio da protagonista; por outro, em *A Leste do sol e a oeste da lua* o símbolo do matriarcado é mais forte, com a figura da mãe da jovem instigando a violação às ordens do esposo.

Nessa mesma linha, no conto norueguês o patriarcado está mais calcado da mulher como doméstica e dependente financeiramente do cônjuge; enquanto Psiquê é apresentada como um troféu intocável e protegido, um capricho do deus mantida na cegueira da dependência emocional. Por essa conjuntura, faz-se possível compreender que as representações de patriarcado nas duas narrativas se dão de modo distinto, mesmo que sejam enredos semelhantes, não deixam escapar suas condições de produção particulares.

Para compreender essa relação, faz-se necessário destacar a definição de patriarcado adotada na pesquisa. Para tanto, vale ressaltar que há uma grande discussão acerca do termo em função das diferenças e seu uso nas pesquisas feministas. Nesse esteio, a presente pesquisa considera o patriarcado enquanto uma “[...] organização social de gênero autônoma,



convivendo, de maneira subordinada, com a estrutura de classes sociais” (SAFFIOTI, 1992) e, portanto, refere-se a um sistema estruturado e institucionalizado de relações de poder do homem sobre a mulher que, de modo articulado, serve como suporte ao capitalismo mesmo que presentes em sociedades não capitalistas.

Destarte, a problemática acerca de *A Leste do Sol e a Oeste da Lua* e sua semelhança nos processos de significação em relação ao mito *Eros e Psiquê* se forma a partir do pressuposto de que há um interdiscurso notoriamente patriarcal que as envolve e que, ao mesmo tempo, revela a falha pelo ímpeto de inconformismo. Por conseguinte, torna-se relevante discutir os efeitos de sentido protagonizados nas produções literárias consoante à idealização do feminino, agora sob o olhar da Análise de Discurso, doravante AD. Portanto, em se tratando de literatura, não há conceito, gênero ou período que não possa ser modificado ou revisto. Trabalhar com o literário é preparar-se para surpresas e aventuras. Partindo desse aparato, buscar-se-á uma reflexão que considere o sujeito, a história e as ideologias no funcionamento da língua em sua expressão literária e os gestos de interpretação que permitem outros olhares sobre o objeto literário.

Para compreender essa relação, faz-se necessário mencionar que, de acordo com Orlandi (1999, p. 09) “Não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político”. Trata-se, portanto, do objeto de estudo da Análise de Discurso, o discurso, que afetado pela ideologia, materializa sentidos outros, pois a linguagem não é transparente e carrega em si efeitos das formações discursivas, mencionados por Pêcheux e Orlandi. Dessa forma, levando em conta a posição do sujeito que enuncia e sua relação de aliança, resistência ou dominação com o discurso, faz-se possível analisar a formação ideológica intrínseca à formação discursiva que possui identidade através da relação interdiscursiva que constitui o corpus.

Orlandi (1999, p.19) estabelece, na AD, que "a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos)", portanto, é necessário mencionar que a ideologia presente no discurso dos textos em análise produz efeitos de sentidos diversos. Dessa forma, aborda temas centrais das relações humanas. Por conseguinte, a transição de Psiquê em psiquê, ou seja, da personagem mítica à alma feminina, tantas vezes sufocada pela visão patriarcal,



torna-se ponto de partida para discussões acerca da retratação feminina na literatura, constantemente apontada por homens.

De acordo com Orlandi (1999, p. 09),

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise do discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem.

A partir da conjectura formada por meio desse excerto, nota-se que a linguagem, independentemente de seu modo de manifestação, não pode ser concebida de forma neutra. Assim, partindo desse pressuposto, é inegável a afirmação de que todo discurso é formado de ideologia, ou seja, o discurso, enquanto escolha, seleção e interpretação, perpassa os caminhos do sentido, cristalizando pensamentos no coletivo que favoreçam dado posicionamento político.

Consoante Orlandi (1999, p.15), o estudo da AD pretende compreender as práticas de linguagem e, conseqüentemente, o modo como os símbolos se formam e se reproduzem na composição cultural do homem e de sua história. Nesse âmbito, analisar produções literárias pelo viés da AD pode propiciar uma visão menos inocente a respeito da constituição do imaginário acerca do feminino sob o olhar do patriarcado.

Nesse sentido, estabelecer uma relação entre o conceito de feminino descrito sob a visão patriarcal implica uma questão primordial supracitada: O que é mulher? Posicionar-se a respeito de uma pergunta tão curta, no entanto, tem sido motivo de grande pesquisa e discussões. Desse modo, a partir da conjectura elaborada pela perspectiva pós-moderna, definir o sujeito mulher de maneira fixa, categórica e estável pode causar a reafirmação do discurso binário da mulher como o “Outro” no imaginário coletivo. Nesse esteio, para Braidotti (1998, p.30),

o sujeito mulher não é uma essência monolítica definida de uma vez para sempre, mas o lugar de um conjunto de experiências múltiplas, complexas e potencialmente contraditórias, definido por variáveis que se sobrepõem tais como a classe, a raça, a idade, o estilo de vida, a preferência sexual e outras

Por meio dessa afirmativa, faz-se possível compreender que a identidade do sujeito está relacionada ao modo como ele é representado num determinado contexto histórico, tornando-se, assim, fluida a definição do sujeito mulher e não mais universal. Vale ressaltar, aqui, que o conceito de sujeito à luz da AD faz-se essencial para tornar a pesquisa exequível, levando em



conta que a análise das formações discursivas em estudo proporciona um olhar detalhado no tocante às questões de sujeito e identidade. Como dispositivo teórico, portanto, utilizar-se-á o que diz Orlandi. De acordo com a autora, “[...] a evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Esse é o paradoxo em que o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia.” (1999, p.46). Destarte, o sujeito é indissociável da ideologia, portanto, a literatura, enquanto *Aparelho Ideológico de Estado*, ao retratar sujeitos por meio de escolha e seleção de signos e símbolos produz discursos e subjetividade, constituindo sujeitos.

Por fim, vale ressaltar que Pêcheux (1996, p. 144) menciona que

os Aparelhos Ideológicos de Estado não são puros instrumentos da classe dominante, máquinas ideológicas que simplesmente reproduzem as relações de produção existentes: “... essa instauração [dos Aparelhos Ideológicos de Estado] não se faz sozinha; ao contrário, é pivô de uma luta de classes muito acirrada e contínua”, que significa que os Aparelhos Ideológicos de Estado constituem, simultânea e contraditoriamente, a sede e as condições ideológicas da transformação das relações de produção (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista). Daí a expressão “reprodução/transformação”.

Por conseguinte, nota-se que mesmo estando diante de processos de apagamento, reprodução e submissão, essas obras literárias podem abrir espaço para o *nonsense*, para o novo, pois na falha (principalmente em seu apontamento) reside a possibilidade de resistência, de luta, do abandono da posição do sujeito mulher como o “Outro” para que se possam produzir novos sentidos que a coloquem, também, como “Eu” e o apagamento não seja mais de sua subjetividade, mas seja referente à relação binária de diferenças entre homens e mulheres.

A partir dessa perspectiva, a pesquisa analisa os processos de significação que envolvem o patriarcado e o silenciamento das mulheres na literatura de modo que toca o real da história e revela a gestos de ruptura, a subversão no ato de desobediência da mulher. Para tanto, o estudo divide-se em três capítulos, respectivamente apresentados: Os caminhos da leitura: quando uma mulher se lê nas palavras do patriarcado e *Eros e Psiquê* e *A Leste do sol oeste da lua*: as representações simbólicas da mulher no discurso da literatura. Dessa forma, a organização do trabalho possibilita discussões sobre os desdobramentos históricos na constituição do discurso sobre as mulheres numa sociedade patriarcal em que a literatura funciona na manutenção dessa ideologia e, ao mesmo tempo, como espaço de transgressão e interpretações.

Para desenvolver a análise mergulhamo-nos em questões referentes aos conceitos de ideologia, de discurso, de condições de produção, do interdiscurso, do sujeito, dos Aparelhos Ideológicos do Estado; nas discussões referentes ao feminismo, à literatura e à constituição



histórica do patriarcado. Nesse sentido, foram utilizados estudos de Orlandi; Pêcheux; Althusser; Lerner; Beauvoir, dentre outros.

A partir dessa conjuntura, buscamos, doravante, perceber a Análise de Discurso como meio pelo qual se tem acesso aos rastros da memória na composição de uma ideologia materializada no discurso literário, possibilitando-nos a aventura de tratar a exceção como caminho e a linguagem como via de cristalização de conceitos e, paralelamente, de resistência.



CAPÍTULO I

OS CAMINHOS DA LEITURA: QUANDO UMA MULHER SE LÊ NAS PALAVRAS DO PATRIARCADO

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.

(Karl Marx, 1852, p. 06)

Ao longo dos anos instaurou-se a ideia de que a literatura é um objeto transformador, que funciona como meio de romper/resistir às ideologias dominantes. Não obstante, essa ideia inicial, que pode encontrar reforço no meio literário, parecia-me ecoar silenciamentos à medida que conhecia novas obras e me aprofundava na interpretação de determinados textos. Vale ressaltar que o silêncio é entendido como o que está fora da linguagem, mas ainda assim é constituído de sentidos, uma vez que é o outro lado em relação ao dizível, conforme mencionado anteriormente.

Nesse sentido, deparei-me com estudos acerca da Literatura Portuguesa, a partir das aulas do professor Dr. Benjamim Rodrigues Ferreira Filho, nas quais discutia-se a intertextualidade entre mitos gregos e poemas portugueses. Recorrer aos fragmentos da memória - não a discursiva, mas a individual – exige certo esforço, ao passo que ela é traiçoeira e seletiva, deixando-nos expostos ao nosso ponto de vista, à nossa visão míope dos fatos. Assim, olhar para o passado proporciona a compreensão do que me trouxe até essa reflexão, no momento exato da escrita, que é o acontecimento de fazer existir, na forma material, os



discursos que permeiam minha posição política e reflexiva, enquanto sujeito que produz história por meio da pesquisa.

Desse modo, retomemos, pois, às reminiscências. Logo, com base nas aulas mencionadas, despertou-se, em mim, um grande interesse acerca dos mitos gregos e suas temáticas que se atualizam à medida que são voltadas aos problemas inerentes à humanidade.

Por outro lado, em concomitância às discussões literárias, passavam-se as aulas de Linguística, com o professor Me. Paulo de Barros, em que me foi apresentada a Análise do Discurso. Vale ressaltar que nesse espaço/tempo atravessei uma fronteira nos processos de significação. A partir daí, não era possível olhar para os textos como antes.

Por conseguinte, no momento que conheci o mito de *Eros e Psiquê*, deparei-me com uma narrativa que instigou minha curiosidade acerca das possíveis pressões simbólicas que significavam ali: O que funcionava naquelas palavras? Quem falava naquela história? Mais do que isso, quem não tinha voz? Faz-se, portanto, necessário destacar que, até o momento, considerava a análise da literatura a partir do texto encerrado nele mesmo, sua estrutura e sentidos, desconsiderando os elementos exteriores à obra. Nesse esteio, a concepção de literatura assumida colidiu-se com as percepções discursivas que borbulhavam em minhas leituras.

Por esse ângulo, a narrativa do mito, realizada por Apuleio (Final do Século 2), no “Asno de Ouro”, descreve a história de uma mulher, Psiquê, que representa a alma personificada, do grego *Psyké* que se refere ao sopro/princípio vital. Nesse sentido, a personagem é dotada de uma beleza equivalente à da deusa Vênus, que decide castigá-la por meio de seu filho Eros – “amor personificado” ou “desejar ardentemente”, do grego (Brandão, 1987, p. 209).

Assim, a narrativa se desenvolve a partir do matrimônio entre Psiquê e Eros, de maneira que a personagem não tem permissão para ver a face do esposo, mantendo, sempre, relações no escuro. Em dado momento, por sua vez, Psiquê é fisgada pela curiosidade, sob sentidos e significados instigados por suas irmãs e os símbolos que representam, revelando a face do esposo por meio de um candelabro e se vê ferida pela flecha de Eros, apaixonando-se pela imagem do deus.

O castigo da protagonista, por outro lado, se manifesta em sua separação com o Cupido, levando-a a uma série de tarefas e obstáculos impostos pela sogra, Vênus. Desse modo, faz-se



possível observar uma história que se desenrola a partir das consequências da desobediência e curiosidade da personagem, mas que mesmo assim, escolhe ser uma transgressora.

Destarte, coloquei-me na posição de analista e tentei seguir os rastros dos sentidos que reverberavam naqueles discursos. Nesse esteio, olhei para o texto não na busca apenas dos elementos da narrativa ou figuras de linguagem, tampouco para compreender ou refletir sobre algo na esfera pessoal. Por outra via, busquei observar as escolhas lexicais, simbólicas, os sujeitos afetados pelo discurso, as condições de produção do mito e seus efeitos ideológicos.

Por outro lado, o conto de fadas *A Leste do sol e oeste da lua*, de Peter Christen Asbjornsen e Jorgen Moe (1842), chegou a meu conhecimento por meio das aulas de Teoria Literária, ministradas pelo professor Dr. Danilo de Oliveira Nascimento, com reflexões acerca do gênero em voga. Vale ressaltar que desde a infância interessavam-me, profundamente, os encantos dos contos maravilhosos, mas, a partir das análises propostas nas discussões em sala, foi possível conhecer uma outra faceta daquelas narrativas: as marcas simbólicas deixadas pelos contos originais – refiro-me aos contos orais, que eram narrados nas tavernas, de cunho violento e sombrio - e a circulação, reprodução e criação de paródias dessas histórias ao longo do tempo. Desse modo, voltei meu olhar interpretativo às questões descritas.

A partir desse contexto, tive contato com o livro “Contos de Fadas: edição comentada e ilustrada”, de Maria Tatar (2004), por meio de uma indicação do professor, contendo em sua composição a tradução do conto *A Leste do sol e oeste da lua*, o único que ainda não conhecia dentre os que integravam a obra. Por essa conjuntura, ao realizar a leitura do texto, fez-se possível perceber tanto sua relação intertextual quanto interdiscursiva com o mito de *Eros e Psiquê*.

Nesse sentido, a história se trata de um conto de fadas norueguês, configurando-se enquanto uma releitura do mito, de modo que Eros é representado por um enorme Urso e Psiquê dá lugar a uma moça pobre, sem nome e entregue pelo pai em troca de riquezas. Dessa maneira, a narrativa se desenrola a partir da relação matrimonial das personagens de forma que a esposa não tem o direito de conhecer a face do cônjuge. Assim, bem como na história de Apuleio, a mulher é apresentada, no conto, como curiosa, instável e destrutiva, de modo a desobedecer ao esposo e colocar o casamento em risco.



Além disso, o ímpeto de rebeldia da protagonista direciona a narrativa aos mesmos rumos do mito, uma vez que ela é levada a cumprir desafios no percurso da busca de recuperar o relacionamento matrimonial.

A partir desse contexto, que revela as coincidências caóticas que envolvem o acontecimento da interpretação, surgia minha leitura inicial dos textos em análise. Isto posto, vale mencionar que, de acordo com Orlandi (1999, p. 26), “quando se interpreta já se está preso em um sentido”. Assim, em meu gesto de compreensão, lancei mão do discurso sobre mulheres na literatura produzida por homens e a forma que essa ideologia me afeta enquanto mulher que resiste.

Nessa direção, a marcha do capítulo daqui por diante delinear-se-á a partir de um retorno à constituição histórica do patriarcado à medida que seus desdobramentos funcionam na sociedade e, sobretudo para nossa análise, na literatura com o discurso acerca da mulher.

1.1 Um breve retorno aos percursos do patriarcado ao longo da história

Pensar a constituição histórica do patriarcado pode ser uma tarefa desafiadora à medida que as relações de submissão e dominação entre homens e mulheres parecem naturalmente instauradas, alguns diriam até que de modo biológico. Não obstante, ao compreender a língua como instrumento ideológico, torna-se possível refletir no tocante aos processos de significação que envolvem as práticas sociais compostas ao longo da história.

Nesse sentido, antes de lançarmo-nos nos procedimentos analíticos dos textos literários selecionados para a pesquisa proposta, fez-se necessário, para compreender melhor as metáforas de representação do imaginário coletivo sobre o feminino, ultrapassar os limites do texto e lançar mão do desenvolvimento histórico e social na construção do discurso patriarcal.

Para tanto, vale ressaltar que, de acordo com Gerda Lerner (1986, p. 23 - 24), as mulheres, bem como os homens, são agentes centrais dos processos de construção da civilização e da memória coletiva. Por sua vez, a partir da criação da escrita, predominantemente praticada por homens, a História Universal passou a registrar apenas feitos, eventos e pensamentos que os homens julgavam interessantes, dando-nos acesso a uma história parcial, não universal, como se convencionou chamar.

A partir dessa conjuntura, vale retomar o que Orlandi (2017, p. 17) menciona: “Sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo”. Desse modo, faz-se possível compreender que a



relação historicamente constituída a respeito da mulher como o sujeito silenciado e seu assujeitamento acerca dessa posição é um reflexo da interdependência na composição de sujeito e significação. Assim, Conforme Orlandi (2017, p. 17), “Naquilo que me diz, eu me digo”, revelando-nos o impacto das práticas históricas que se estabelecem na memória inconsciente, por meio do esquecimento, provocando a marginalização do feminino não só no coletivo, bem como no pensamento das mulheres enquanto afetadas pela ideologia do patriarcado.

Além disso, Gerda Lerner (1986, p. 26), realiza um esboço de sua pesquisa no campo da História da Mulher de modo a propor uma investigação acerca da origem do patriarcado e, também, do longo período em que as mulheres se mantiveram fiéis ao sistema patriarcal que às subjugava, participando da perpetuação dessa ideologia por meio de sua difusão aos filhos.

Não obstante, ao se analisar discursivamente a submissão feminina ao sistema patriarcal, faz-se possível compreender que as mulheres, bem como os homens, são colocadas diante de determinada posição ao serem interpeladas pelo discurso dominante. Nesse sentido, retomando Orlandi (2009, p. 35-36),

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. Essa é uma determinação necessária para que haja sentidos e sujeitos

Dessa forma, nota-se que o patriarcado se autorregula à medida que os sujeitos e sentidos se constituem ao mesmo tempo, de acordo com o espaço/tempo no qual os indivíduos nascem e as especificidades locais e culturais, de modo que não é homogêneo, todavia se perpetua na história da humanidade. Assim, as mulheres permitiram e até reproduziram por anos a ideologia que as subjugava, pois a língua e a história já funcionavam na articulação de discursos machistas, com as peculiaridades das sociedades e o tempo histórico em que funciona.

Por sua vez, a afirmativa de que nos constituímos em sujeito a partir da ilusão de sermos a origem do dizer quando, na verdade, os dizeres já estão sempre ditos antes de nós, leva-nos a refletir acerca dos sentidos determinados historicamente em relação à mulher e sua ausência no desenvolvimento teórico/reflexivo durante um longo período da/na história.

Para tanto, vale destacar a resposta patriarcal para o atraso das mulheres na busca por espaço nas questões de desenvolvimento do pensamento: “mulheres não produziram avanços importantes no campo do pensamento devido à preocupação, determinada biologicamente, com a criação dos filhos e as emoções. Essa seria a causa da ‘inferioridade’ essencial das mulheres



em relação ao pensamento abstrato” (LERNER, 1986, 2019, p. 26). Nesse esteio, a autora contrapõe o argumento em voga delineando sua perspectiva a partir da premissa de que as diferenças entre homens e mulheres existem, pois a história dos sexos percorreu caminhos diferentes, de modo a afetar os aspectos psicológicos tanto do masculino quanto do feminino, distanciando-se, destarte, do determinismo biológico.

Assim, observar a formação histórica do patriarcado auxilia-nos na análise das produções de sentido nos sujeitos afetados pela ideologia. Dessa forma, a fim de compreender de que modo se deu a implantação do sistema patriarcal, Lerner (1986, p. 29) menciona que a subordinação feminina ocorreu de modo gradual, com um processo que durou cerca de 2.500 anos e manifestou-se na organização familiar e econômica da sociedade. Assim, a pesquisadora menciona que

visualizava um tipo de “subversão” revolucionária que teria alterado visivelmente as relações de poder na sociedade. Esperava encontrar mudanças econômicas que houvessem causado mudanças em ideias e sistemas explicativos religiosos. Procurava em particular por mudanças visíveis no status econômico, político e jurídico das mulheres. Mas, conforme imergi no estudo das ricas fontes da história do Antigo Oriente Próximo e comecei a considera-las em sequência histórica, ficou claro para mim que minha suposição havia sido muito simplista. O problema não está nas fontes, pois com certeza elas são abundantes para a reconstrução da história social da antiga sociedade mesopotâmica. O problema de interpretação é semelhante ao enfrentado por historiadores de qualquer campo que abordem a história tradicional com questões relativas às mulheres. Existe pouco material significativo disponível sobre mulheres, e o que existe é puramente descritivo. Ainda não foram propostas interpretações nem generalizações a respeito de mulheres por especialistas de trabalho de campo. Assim, a história das mulheres e a história das relações inconstantes dos sexos nas sociedades mesopotâmicas ainda precisam ser escritas. [...] Entretanto, percebi que a sequência de eventos parecia ser um tanto diferente do que eu havia previsto. Embora a formação de estados arcaicos, que acompanhou ou coincidiu com grandes mudanças econômicas, tecnológicas e militares, tenha trazido consigo mudanças distintas nas relações de poder entre homens e entre homens e mulheres, não havia, em lugar algum, evidências de “subversão”. O período do “estabelecimento do patriarcado” não foi um “evento”, mas um processo que se desenrolou durante um espaço de tempo de quase 2.500 anos, de cerca de 3100 a 600 a.C. Aconteceu, mesmo no Antigo Oriente Próximo, em ritmo e momento diferentes, em sociedades distintas. (LERNER, 1986, p. 29).

Desse modo, torna-se possível observar um processo de formação que, conforme mencionado, dispõe de pouco material submetido a análises que tenham como foco a problemática da relação dos sexos, pois temos acesso à história que foi escrita por homens, com recortes selecionados por eles, manifestando um imaginário coletivo prefigurado que exclui e apaga o pensamento feminino e a história das mulheres.

Vale destaca o que Orlandi (1999, p. 09) menciona no tocante à opacidade da linguagem, de modo que ela não é transparente, tampouco neutra, mas é comprometida pelo simbólico e



pelo político. Desse modo, olhar para os registros históricos e literários de modo a desconsiderar quem fala, de onde fala, de que modo e porque, é ignorar que os dizeres são sempre outros, não são um acontecimento isolado no tempo, mas um constructo opaco, difuso e que nos chama à interpretação, bem como os discursos sobre a mulher, que apagam sua história, mas que, na falha, deixam escapar aqueles outros sentidos, na contradição entre a regularidade e a subversão.

Ademais, a partir do excerto destacado, faz-se relevante mencionar que o sistema patriarcal não teve origem com um evento específico, num dado momento, numa sociedade particular, tampouco por meio de determinações biológicas ou divinas. Por outro lado, se compôs ao longo de 2.500 anos, estruturando-se a partir de discursos presentes no convívio familiar e social de homens e mulheres. Desse modo, o domínio do corpo e pensamento das mulheres, gradativamente, normalizou-se no imaginário coletivo de modo a refletir ideologias observáveis ainda hoje nas mais diversas organizações sociais.

Destarte, faz-se possível compreender um passado distante, anterior à civilização por meio de artefatos, pedaços de cerâmica, restos mortais, mitos e sua leitura interpretativa na busca de respostas que não foram escritas, histórias que não nos contaram.

Assim, ao longo das discussões consoantes ao processo de submissão feminina, os tradicionalistas assumiram a posição de que a condição de inferioridade feminina é universal e, dessa forma, natural. Ao adotar, portanto, tanto a resposta religiosa quanto a científica – apresentada a partir de argumentos darwinistas de seleção natural, empregados nas relações de gênero – como determinantes, o espaço da mulher seria sempre o mesmo: o lugar do outro.

Em contrapartida, antropólogas feministas, com um olhar crítico às questões sociais estabelecidas, passaram a questionar as respostas tradicionalistas acerca do papel de mulher na sociedade, de modo a angariar vestígios, cerâmicas, cacos, rastros de uma história da mulher que comprovassem que se a submissão feminina teve início na história, poderia ser extinta em outras circunstâncias históricas (ibdem, 1986, p. 38).

Em meio à extensa discussão que se forma diante de nós, perguntamo-nos se em algum momento na história houve uma sociedade alternativa, em que as relações de poder entre homens e mulheres se formularam de modo distinto.



Não obstante, Tiger e Fox (1976, apud MIES 1988, p. 854-855) realizam uma análise da formação histórica da hegemonia masculina de modo a atribuir a evolução humana a partir do Homem-caçador e a invenção de ferramentas de caça. Nesse sentido, mencionam que

Os primatas machos lutam para ascender ao topo da hierarquia masculina de modo a tornar a fêmea sua súdita, para fins de satisfação sexual... O esforço dos primatas humanos, que diferenças aparentemente marginais, mas na realidade profundas, se trata de alcançar o topo da hierarquia masculina, a fim de ganhar o controle sobre as integrantes fêmeas do seu próprio grupo, para que ele possa trocá-la por mulheres de outro grupo (grifos: Tiger e Fox). Dessa forma eles se proporcionam entre si satisfação sexual e privilégios políticos (Tiger e Fox: 1976).

Por essa conjuntura, é reafirmado o caráter biológico na divisão do trabalho que se configura na figura masculina enquanto provedora de alimentos, protetora e, como consequência natural, superior à fêmea desde a Idade da Pedra, que era objeto de troca nas relações de poder entre os machos, estendendo-se até hoje.

Não obstante, pesquisadoras feministas tais como: Elise Boulding (1983, apud LERNER, 1986, p. 42); Michelle Rosaldo e Louse Lamphere (1974, apud LERNER, 1986, p. 41); e M. Kay Martin e Barbara Voorhies (1975, apud LERNER, 1986, p. 41) refutaram o mito do Homem-caçador como modelo de sociedade universal ao apresentar dados que versam no tocante às sociedades de caçadores-coletores, que se organizavam de maneira que os papéis entre homem e mulher não se estabelecessem por meio de supremacia ou subordinação, mas com ambos os sexos atuando de modo complementar. Além disso, as pesquisas arqueológicas revelam que as mulheres foram responsáveis pela criação da cestaria, olaria e o desenvolvimento da horticultura no avanço da civilização.

A partir desse pressuposto, vale retomar o que Mies (1988, p. 856) estabelece acerca dos significados que ecoam a partir da análise das primeiras ferramentas criadas pela humanidade:

[...] as primeiras ferramentas eram recipientes para apanhar e guardar alimentos: cestas, recipientes feitos de folhas, cascas e mais tarde canecas. Pás rústicas e enxadas foram outras invenções femininas. Note-se que todas as ferramentas das mulheres eram meios de produção no sentido real, o que significa que elas eram utilizadas para produzir algo novo e transportar e armazenar aquilo que era produzido. Os instrumentos de caça, a saber, as armas, não são, no entanto, verdadeiros meios de produção. Eles não podem ser utilizados para outra finalidade senão matar. Arco, flecha e lanças são, conseqüentemente, verdadeiros meios de destruição. Sua significação está no fato de que elas podem ser utilizadas para matar animais, mas também para matar pessoas. É essa ambivalência dos instrumentos de caça que foi decisiva para o desenvolvimento de relações sociais desiguais [...].

Por essa via, o excerto mencionado revela uma perspectiva diversa em relação à proposição de que o homem adquiriu posição superior à mulher por ser o provedor do alimento



ou biologicamente privilegiado, mas se dá a partir da criação da arma, caracterizando a exploração da mulher por meio da força, do medo e da violência. Todo esse processo constitui um pré-construído, isto é uma memória que vai estruturando os sentidos de uma sociedade. Por conseguinte, essa memória discursiva perpetua-se nos discursos, causando a ilusão de transparência da linguagem, ela se instaura como uma teia de sentidos, um emaranhado de discursos que causam a sensação de verdade absoluta, de sentido único, apagando os outros sentidos que residem no silêncio.

Conforme mencionado anteriormente, o sistema patriarcal encontra espaço desde o pensamento religioso até às teorias científicas desenvolvidas pelo homem. Em face de compor um estudo das significações da mulher sob ótica do patriarcado, faz-se necessário compreender que esse sistema se instaura nas mais diversas esferas da sociedade de modo a relacionar-se diretamente à manutenção do capitalismo na organização familiar e econômica.

As questões que permeiam o processo de significação da mulher nas sociedades patriarcais envolvem a rememoração das formas de subjugo pela religião e, também, pelas teorias científicas, predominantemente desenvolvidas por homens.

Dessa forma, para compreender esses processos de construção de sentido sobre o papel da mulher e suas transformações no decorrer da história, faz-se necessário destacar que a tradição oral pode ser uma fonte de dados no tocante ao acompanhamento dessas mudanças, conforme Lerner (1986) ... as mulheres “dividiam com os homens a preservação da memória coletiva, que dá forma ao passado, tornando-o tradição cultural, fornece o elo entre gerações e conecta passado e futuro. Essa tradição oral foi mantida viva em forma de poemas e mitos, que tanto homens quanto mulheres criaram e preservaram em folclore, arte e ritos.” Assim, ao acompanhar os deslizamentos entre o culto à fêmea e ao falo, torna-se possível compreender os modos simbólicos de determinar o espaço da figura feminina na sociedade.

Para tanto, a autora destaca que a Mesopotâmia é fonte das principais metáforas de representação de gênero da nossa cultura, revelando que “a desvalorização simbólica das mulheres em relação à divindade tornou-se uma das metáforas fundamentais da civilização ocidental” (LERNER, 1986, p. 31). Por conseguinte, os modos de significação da mulher enquanto símbolo de divindade sofrem um declínio de modo a dar espaço às metáforas do homem como fonte de fecundidade.



Nesse esteio, um retorno ao período da Idade da Pedra, cerca de 100 mil anos a.C., pode revelar uma nova perspectiva: de acordo com Nancy Tanner (apud LERNER, 1986, p. 88), a fêmea teve papel fundamental no desenvolvimento do hominídeo eretos aos seres humanos plenamente desenvolvidos à medida que os filhotes tinham uma infância prolongada, dependendo dos cuidados maternos por mais tempo. Dessa forma, de acordo com a autora, esse fator fomentou a criação de ferramentas - como cestas, recipientes, e utensílios - e as interações sociais no avanço da civilização. Por outro lado, os machos eram privados dessa relação de convívio até o surgimento de grupos de homens caçadores, com o uso de arco e flecha.

No período Neolítico, por sua vez, as pinturas e gravuras da Deusa-mãe, enquanto primeira forma de expressão religiosa, podem ser reflexo da ligação entre mãe e filho. Por esse ângulo, LERNER (1986, p. 251) diz:

Minha proposta é de que, assim como o desenvolvimento da agricultura de arado, coincidindo com o aumento do militarismo, resultou em mudanças importantes nas relações de parentesco e de gênero, o desenvolvimento de fortes reinados e estados arcaicos também originou transformações em sistemas de crenças religiosas e símbolos. O padrão observável é: primeiro, o rebaixamento da imagem da Deusa-Mãe e a ascensão e posterior dominância de seu consorte/filho; depois a fusão deste com um deus da tempestade em um Deus-Criador, que lidera o panteão de deuses e deusas. Onde quer que ocorram essas mudanças, o poder da criação e da fertilidade é transferido da Deusa para o Deus.

A partir dessa conjuntura, faz-se possível compreender as transformações nos papéis sociais da mulher ao passo que as deusas destronadas coincidem com o processo de subordinação feminina e a criação de metáforas de adoração ao falo em detrimento das de devoção às trompas e fertilidade da Grande Deusa-Mãe.

Por essa via, torna-se necessário observar que a partir da criação da escrita, os significados se transformaram de modo profundo posto que as formas de consciência humana foram alteradas. Assim, o ato de nomeação assume espaço relevante na concepção de símbolos, na medida em que o nome configura a consciência expressa, ou seja, retrata a imortalidade na história.

Nessa conjuntura, é dada a possibilidade a um deus homem criar a vida por meio do conceito, da ideia e da designação de forma que a Deusa-Mãe deixa de ser a única fonte de criação. Destarte, conforme a historiadora (LERNER, 1986, p. 261),

O estágio de transição se expressa nos mitos da criação, que descrevem o “espírito criativo” como o deus do ar, o deus dos ventos, o deus do trovão, que traz à vida seres moldados de maneira mecânica com seu “sopro da vida”. Parece-me provável que as mudanças históricas na sociedade, com ênfase na liderança real e militar, tivessem feito os homens buscar um símbolo de deus masculino para incorporar o recém-



percebido princípio da criação simbólica. Como veremos, o processo continua por mais de mil anos e culmina no Livro do Gênesis. O fato de, na crença egípcia, a criação ter sido incorporada pelo deus masculino Osíris já no terceiro milênio a.C. corrobora a tese de que as crenças religiosas refletiam as condições da sociedade. Nesse caso, a primeira instituição de realeza poderosa, na qual os faraós reinaram como deuses encarnados, refletia-se no poder e domínio dos deuses masculinos nos mitos da criação.

Dessa forma, faz-se possível compreender que as formas de crença e os ritos praticados pelos povos antigos são efeitos não apenas das transformações simbólicas bem como as representações políticas e determinação de poder. A partir do excerto destacado, é observável as mudanças nas configurações dos mitos de criação, inicialmente a partir transição da fecundidade das deusas ao processo de criação mecânica de várias figuras masculinas e, posteriormente, por meio da instituição de deuses encarnados nos governantes.

Por conseguinte, a marcha dos sistemas simbólicos nas questões de gênero expressos nos mitos e crenças se desenvolveu ao passo que as figuras de deusas da terra/concepção passaram a ser representadas enquanto filhas e esposas de deuses da vegetação, que assumiram espaço central no panteão. Por essa razão, é importante compreendermos o papel das formações discursivas, tanto da religião quanto da ciência, pois elas regionalizam sentidos.

De acordo com Pêcheux (1975, p.145-146), os Aparelhos Ideológicos do Estado atuam de modo específico, correspondente às formações ideológicas que os compõem. Desse modo, as regiões de sentido, como a religião, o conhecimento, a política etc., funcionam de modo distinto, com formações discursivas diversas e se constituem enquanto palco para luta de classes. Destarte, essas regiões (a ciência, a família, a religião...) contribuíram/contribuem para a construção de sentidos e sujeitos que situam a mulher enquanto o outro, o ser silenciado, bem como o espaço de resistência e contradição.

Nesse sentido, as formas de significação sofriam alterações à medida que a sociedade se transformava. Por essa via, a religião foi sendo ressignificada pela ciência como forma de compreensão dos aspectos físicos, psicológicos e até sociais de modo que o sistema patriarcal passou a integrar, para além do discurso religioso, o discurso científico. Assim, desde a teoria da evolução até a psicologia moderna, a posição da mulher é destacada, por homens, na qualidade do sujeito excluído, o ser incompleto.



Para compreender essa transição, podemos retomar o que Pêcheux⁵ (1975, p. 149) menciona acerca do interdiscurso enquanto “aquilo que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente”. Destarte, os discursos não se originam no sujeito em si, mas já estão sempre ditos e ecoam de modos distintos, evidenciando as ideologias dominantes e suas falhas.

Por essa via, nota-se que as pessoas mudam, as sociedades se transformam e vão surgindo novos Aparelhos Ideológicos de Estado, entretanto, os dizeres se repetem, os discursos podem permanecer, podem se adequarem às novas realidades e também podem ser outros, causar novos gestos de interpretação.

A partir dessa conjuntura, Lerner (1986, p. 56) menciona que

As teorias darwinistas reforçaram crenças de que a sobrevivência da espécie era mais importante do que a autorrealização. Por mais que o movimento Evangelho Social usasse a ideia darwinista de sobrevivência do mais forte para justificar a distribuição desigual de riquezas e privilégios na sociedade norte-americana, defensores científicos do patriarcado justificavam a definição de mulheres pelo papel materno e pela exclusão de oportunidades econômicas e educacionais como algo necessário para a sobrevivência da espécie. Era por causa da constituição biológica e da função materna que mulheres eram consideradas inadequadas para a educação superior e muitas atividades vocacionais. Menstruação, menopausa e até gravidez eram vistas como debilitantes, doenças ou condições anormais, que incapacitavam as mulheres e as tornavam de fato inferiores.

Assim, no discurso da ciência biológica, o papel da mulher era determinado de acordo com sua condição física e, mais uma vez, a submissão e anulação feminina são apresentadas como aspectos naturalmente impostos. Desse modo, reforça-se a divisão sexual do trabalho, a exclusão da mulher da educação e sua função social biologicamente determinada, ou seja, de modo irreversível e incontestável.

Não obstante, ao considerar o desenvolvimento da civilização, o homem distancia-se de seu estado natural ao passo que se molda socialmente. Outrossim, o silenciamento feminino com base na teoria darwinista perde força à medida que, com o passar dos anos, a sobrevivência da espécie relaciona-se diretamente à diminuição populacional em virtude da escassez de água, alimento e superpopulação humana no planeta.

Além disso, a psicologia freudiana também reafirma o discurso patriarcal uma vez que se fundamenta na formulação psicológica do humano macho, designando à mulher o espaço da falha, conforme Lerner (1986, p. 57):

⁵ Tradução de Eni Orlandi, 2009.



As teorias de Sigmund Freud reforçaram ainda mais a explicação tradicionalista. O humano normal de Freud era macho; a fêmea era, de acordo com sua definição, um ser humano desviante sem pênis, cuja completa estrutura psicológica concentrava-se, segundo supunha, no esforço em compensar essa deficiência. Apesar de muitos aspectos da teoria freudiana se provarem úteis na construção da teoria feminista, foi a máxima de Freud de que, para mulheres, “anatomia é destino” que deu nova vida e força ao argumento de supremacia masculina.

Em suma, a psicologia moderna descreve os aspectos psicológicos da mulher enquanto determinados por sua anatomia, bem como na teoria da evolução. Com efeito, esse discurso sobre a mulher faz parte de um constructo tecido no decorrer da história, de modo a se deslizar entre os espaços religiosos e científicos, familiares e educacionais e, conforme observar-se-á no capítulo seguinte, entre os textos mitológicos e os contos de fadas, na literatura.

Nesse sentido, de acordo com Althusser (1970, p. 43), “Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”. Por conseguinte, os AIE se instauram enquanto mecanismos de manutenção da ideologia dominante, e, paradoxalmente, atuam como palco para as lutas de classes, uma vez que são representados por instituições. Por essa via, entidades como a Igreja, a Família e a Escola funcionam para a determinação do que pode e deve ser dito, pensado, os lugares dos sujeitos e dos sentidos. Nessa lista de organizações inclui-se o AIE Cultural, que se constitui das Letras e Belas Artes.

Vale destacar, portanto, que a Literatura tem sido definida em alguns espaços escolares e acadêmicos enquanto objeto de transformação social, representação dos pensamentos de uma sociedade em dado momento histórico ou expressão artística com fins de entretenimento para o leitor. Não obstante, para a Análise do Discurso, ela está além dessas caracterizações: coloca-se no lugar de formação, por exemplo, da identidade de nações, na construção de pensamentos coletivos e na manutenção de ideologias dominantes, apagando os outros sentidos possíveis e silenciando dizeres do *nonsense*, mas que não deixa de ser espaço de possibilidade ao passo que carrega o olhar interpretativo do analista.

Assim, a Literatura atua para o funcionamento do Estado na constituição do imaginário coletivo, especificamente no caso em análise na produção de sentidos como o espaço da mulher e sua construção enquanto sujeito outro e os modos de resistência que escapam pela falha no ato de desobediência.

Além disso, a Igreja é mencionado por Althusser (1970, p. 58-59) como o AIE dominante no período pré-capitalista. Assim, ela continha o domínio da educação, da família,



da produção cultural etc. Por outro lado, a partir da Revolução Francesa, esse panorama é alterado, destituindo o poder da Igreja e repartindo os AIE em várias áreas, concentrando o controle ideológico, principalmente, na Escola.

Por essa via, o AIE Escolar define, *verbi gratia*, os textos que devem ser ensinados, os autores de maior importância e as obras literárias do cânone em detrimento das que estão às margens. Por conseguinte, a relação entre o AIE Escolar e o AIE Cultural colocam em evidência não só uma representação do pensamento de um autor em dado momento histórico, mas constitui sujeitos e sentidos desde a infância, com os contos de fadas e mitos adaptados, até a vida adulta, estabelecendo, ideologicamente, o imaginário coletivo com discursos que privilegiam as ideologias dominantes e silenciam outros discursos, como no caso em análise, o modo como o silêncio da mulher significa, na literatura patriarcal, os dizeres sobre o feminino que apagam as exclusões e a violência contra aquelas que tiveram seus espaços tomados ou delimitados, mas conforme Clarice Lispector (1973, p. 61) “se tenho que ser um objeto, que seja um objeto que grita”, de modo a revelar a resistência no jogo da interpretação.



CAPÍTULO II

EROS E PSIQUÊ E A LESTE DO SOL E A OESTE DA LUA: AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DA MULHER NO DISCURSO DA LITERATURA

É na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde). Momento de sua definição, materialização da voz em sentidos, do gesto da mão em escrita, em traço, em signo; do olhar, do trejeito, da tomada do corpo pela significação e, por seu lado, os sentidos tomando corpo.

(Eni Orlandi, 2017, p. 33)

Este capítulo objetiva apresentar reflexões no tocante a formação discursiva da representação da alma feminina na visão patriarcal presente no espaço discursivo do conto de fadas *A Leste do Sol e a Oeste da Lua* relacionado à narrativa mítica de *Eros e Psiquê*. Para tanto, utilizar-se-á como referencial teórico os textos: *Eu, tu, ele: discurso e real da história* (ORLANDI, 2017); *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (ALTHUSSER, 1970); *Eros e Psiquê* (APULEIO, Final do Século 2); *Contos de Fadas: Edição comentada e ilustrada* (TATAR, 2004). Desse modo, pretende-se analisar, por meio da tríade Linguística Estruturalista, Psicanálise e Materialismo Histórico, os aspectos ideológicos regulares presentes nos dois textos, buscando compreender de que modo esses discursos ecoam no imaginário coletivo acerca dos sentidos associados ao sujeito mulher a partir de sua condição de produção e sua relação interdiscursiva determinada pela voz do patriarcado e pelo silenciamento feminino, por meio da literatura e, por outro lado, as formas de recepção de outros sentidos a partir da desobediência e da resistência.

Para tanto, desenvolver-se-á, doravante, uma análise dos corpora selecionados de modo a considerar os aspectos da história da mulher supracitados, investigando em que medida os discursos selecionados funcionam na manutenção ou deslocamento de sentidos na ideologia dominante do patriarcado, de modo a instaurar a literatura na qualidade de AIE.



Assim, o capítulo se estrutura de modo a apresentar, inicialmente, a análise do mito de Eros e Psiquê, respectivamente versando sobre: as condições de produção discursiva do mito de Eros e Psiquê; Eros e Psiquê: uma representação do amor ou um aprisionamento feminino?; As condições de produção discursiva do conto de fadas *A Leste do Sol e a Oeste da Lua*; *A Leste do Sol e Oeste da Lua*: era uma vez o mágico poder da mulher submissa na literatura patriarcal; *A Leste do Sol e a Oeste da Lua* e Eros e Psiquê: uma paráfrase e relação discursiva

Por essa conjuntura, o capítulo desenvolver-se-á, daqui por diante, de forma a analisar os símbolos sobre a mulher na literatura produzida por homens, estabilizando e deslocando sentidos do discurso patriarcal e abrindo espaço aos atos de resistência do feminino ao silenciá-lo.

2.1. As condições de produção discursiva do mito *Eros e Psiquê*

Para compreender a forma como os sujeitos e sentidos se constituem em dada formação discursiva, Orlandi (1999, p. 32) estabelece na AD que "O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia". Portanto, aquilo que se crê ser a única possibilidade do que é dizível, representa uma ideologia materializada num determinado discurso, que se define a partir da historicidade que envolve o acontecimento da formulação, ou seja, suas condições de produção. Entretanto, essa ideia de única possibilidade do dizer apaga a falha e dá ilusão de transparência da linguagem, mas é, justamente, esse ponto que traz à existência a resistência do sujeito. Por conseguinte, é necessário mencionar que *Eros e Psiquê* é um mito que tem origem grega, mas foi escrito em latim, no século II d.C., em *Metamorfoses*, por Lúcio Apuleio.

A partir dessa conjuntura, torna-se relevante mencionar que o romance apresenta a história de Lúcio, que é metamorfoseado em asno e, após muitas aventuras, recupera sua forma humana. A narrativa é dividida em onze livros, nos quais se entrelaçam à história principal e várias outras, incluindo o mito Eros e Psiquê, que ocupa o fim do livro IV e os livros V e VI, de modo a tornar-se a narrativa paralela de maior extensão, dentre as que compõe *Metamorfoses*. (BRANDÃO, 1987, p.209).

Nesse sentido, para interpretar as formas de significação e identificação do sujeito mulher no mito Eros e Psiquê, faz-se necessário estabelecer a noção de narratividade, determinada por Orlandi (2017, p. 30), como "a maneira pela qual uma memória se diz em



processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços de interpretação determinados, consoante à específicas práticas discursivas”. Desse modo, ao estudar as condições de produção e o interdiscurso do mito, não se busca, pela Análise do Discurso, um sentido original a ser desvendado na narrativa, por outro lado, trata-se de uma questão de identificação entre os sujeitos afetados pelo discurso e os processos de significação que envolvem a materialidade discursiva, sua exterioridade e a individuação da mulher, no caso específico em análise, além dos movimentos de deslocamento que o gesto de interpretação propicia.

A respeito do autor de *Metamorfoses*, Brandão (1987, p. 209) diz: "ele pensava em grego e escrevia em latim". Uma afirmação como essa implica reconhecer que a ideologia presente no discurso de Apuleio tem uma memória grega e, portanto, aborda temas centrais das relações humanas, tais quais o amor e o pensamento. Além disso, a sociedade grega, no período, exprimia a figura da mulher como inferior ou símbolo de tormenta ao homem. Ao narrar as metamorfoses do romance entrelaçadas à várias histórias, entre elas *Eros e Psiquê*, o autor não deixa de tratar, em primeira instância, de uma transformação, uma vez que apresenta uma relação que se configura entre a escuridão e a descoberta, e isso diz muito acerca do imaginário sobre o matrimônio ainda hoje. A transição de Psiquê em psiquê, ou seja, da personagem mítica na representação da alma feminina, tantas vezes sufocada pela visão patriarcal, mas sempre resistindo pela transgressão. Assim, Psiquê representa, também, uma metamorfose, a descoberta do amor em sua forma mais pura, um amor que transcende a esfera sexual, como uma borboleta com suas asas de liberdade, conforme é representada nas belas artes.

Figura 1:



Fonte: Pintura em óleo feita em 1889 em Paris, França, por Jenny Eakin Delony “Psyche”.

Desse modo, a narrativa se circunscreve a partir de uma gama de símbolos que representam tanto a relação matrimonial entre homem e a mulher, quanto em função do vínculo com outras mulheres, como a sogra e as irmãs.

Assim, em Eros e Psiquê, uma jovem princesa, que é a caçula de outras duas irmãs, é dotada de uma beleza divina, levando os homens a abandonarem os altares de Vênus e dedicarem louvores à jovem dona de uma imagem indescritível. Dessa forma, o mito se desenvolve por meio da intriga da deusa com Psiquê, em virtude de seu abandono e ciúmes. Por essa via, ela envia seu filho para que castigue a humana com a paixão à pior fera. Não obstante, Eros, o Cupido, deus do amor, feriu-se com suas próprias flechas e apaixonou-se por sua vítima.

Por outro lado, o pai de Psiquê, antecipando a fúria de Vênus, visita o Oráculo de Apolo, em Mileto, na busca de respostas. A trágica mensagem, porém, direcionava a princesa ao cume de um rochedo, em que ela deveria ser entregue a um monstro horrível, que se uniria a ela.



Eros, por sua vez, ordena Zéfiro que a recolha com os ventos e a leve para um vale macio e florido. Dessa forma, Psiquê acorda no castelo do deus, onde as paredes são de prata, as colunas de ouro e o teto de marfim. Na mesma noite, Eros a toma por sua esposa por meio da defloração da princesa, abandonando-a após a relação sem que ela pudesse ver sua face.

O matrimônio se estabelece com essa relação de cegueira, onde a protagonista é consolada pelas Vozes - servas que não são de carne e osso, oferecidas pelo deus à Psiquê - de modo a acostumar-se com a solidão e com a condição sensual que se instaurava.

A Fama, porém, fez com as notícias da jovem chegassem até suas irmãs, que até o momento lamentavam sua morte. Assim, o deus antecipa a visita das cunhadas e ordena à Psiquê que não dê ouvidos e nem olhe para elas, que choravam do alto do penhasco. Desse modo, a princesa convence o esposo, por meio de carícias, a receber suas irmãs em seu paradisíaco castelo.

Por conseguinte, as visitantes logo se invejaram da vida que a caçula havia conquistado, considerando que foram entregues a homens velhos para servir-lhes mais como escravas do que como esposas. Por isso, nas próximas visitas, mesmo com a relutância de Eros, as irmãs investiam no mistério por trás da identidade do cunhado, levando Psiqué a se contradizer na definição do esposo, entre um jovem belíssimo e um comerciante de meia idade. Assim, as irmãs perceberam que a princesa também desconhecia a imagem do cônjuge, implantando a ideia de que se tratava de uma serpente que a devoraria junto com a criança que trazia no ventre, uma vez que o Oráculo direcionou sua entrega a um monstro. Desse modo, orientaram-na a aproximar-se do deus, sorrateiramente, durante a madrugada, portando um punhal e um candeeiro, para decepar-lhe a cabeça.

Destarte, Psiquê fica dividida entre o amor a Eros e o medo do monstro, decidindo conhecer a face do esposo durante seu sono. Logo, ilumina o rosto do deus e se depara com a “uma besta, a mais mansa e muito doce de todas as feras” (APULEIO, final do século 2). Assim, a protagonista se apaixona pelo Amor, ao ser ferida por suas flechas, beijando-o repetidamente de forma a deixar que o óleo do candeeiro queime o amado, despertando-lhe do sono.

Eros, por sua vez, percebendo a revelação de seu segredo, determina o castigo de Psiqué, que seria seu afastamento. Dessa forma, a personagem passa por uma saga em busca de recuperar o matrimônio, entregando-se à sogra cruel, que direciona seu ciúme e raiva contra a nora de modo submetê-la a castigos e desafios impossíveis como separar uma montanha de



grãos, colher lãs de ovelhas raivosas, buscar água de uma fonte onde corriam dois rios infernais e pegar um pouco de beleza imortal no fundo de Hades.

Não obstante, à medida que Afrodite torturava Psiquê com suas tarefas, a mortal recebia ajuda dos que testemunhavam seu sofrimento. Por outro lado, a jovem, mais uma vez tentada por sua curiosidade, fracassa no último desafio, abrindo a caixa que continha a beleza imortal. Assim, ela cai num sono profundo e é salva por Eros, que havia se recuperado da queimadura, de maneira a leva-la ao Olimpo e pedir a imortalidade da esposa. Desse modo, Zeus reúne-se com os outros deuses, atendendo ao pedido do Amor. Então, o casal se (re)une, propiciando o nascimento de sua filha Volúpia.

Por essa via, o mito apresenta muitos símbolos a serem analisados sob a perspectiva da Análise de Discurso, uma vez que o olhar direcionado para sua discussão se dá sob a leitura de uma analista do discurso, uma mulher que se lê nessas palavras, nessas significações, que ecoam até hoje nas sociedades ocidentais.

Portanto, a análise profunda do mito implica considerar que

a produção de um mito – que se examine isso a nível da comunidade que o criou, ou a nível do narrador que o transmite – nunca é um ato neutro, e muito menos “inocente”. O mito é, dentre outras coisas, um instrumento poderoso de definição e manipulação ideológica. Ele não é apenas a ideologia formadora ou reguladora das condutas históricas de uma sociedade particular, mas também o engenhoso recurso de que o grupo dispõe para reorganizar e justificar as novas condutas, às quais está conduzido para assumir o seu dever histórico. Este movimento ininterrupto de vaivém (eletrocardiograma do mito) é suficiente para entendermos que, por serem os vasos ideológicos e as pulsações de uma sociedade, os mitos podem oferecer aos estudiosos das sociedades sem escrita um dos mais complexos e fecundos campos de investigação (SAMAIN, 1985, p. 04).

Desse modo, os mecanismos de interpretação do mito devem levar em conta que os aspectos ideológicos observáveis nessas materialidades vão além da expressão de uma regularidade discursiva, mas, conforme o excerto supracitado, funcionam como motriz na transposição justificada de uma ideologia a outra.

Por essa via, para compreender os sentidos que se constroem nessas histórias, é preciso lançar mão do contexto sociocultural amplo em que se observará o discurso em sua relação com os interlocutores, com a situação em que ganha vida e com seu referente (ORLANDI, 1985, p. 04).

Para tanto, faz-se necessário retomar a questão da configuração da mulher na Grécia Antiga para compreender as condições de produção da narrativa. Assim, de acordo com



Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), em seu livro *Política*, no trecho 1254b 12, “[...] também entre os sexos, o macho é por natureza superior e a fêmea inferior, o macho governador e a fêmea subjugada”. A partir dessa conjuntura, é possível compreender que, bem como nas sociedades apresentadas no capítulo anterior, as mulheres gregas, especialmente as de Atenas, ocupavam o papel de submissão tanto na função sexual, de cuidados dos homens e da casa quanto para reprodução.

De acordo com Jones (1997, p. 168 apud XAVIER, 2021, p. 34), as representações da mulher no mito e os sentimentos dos homens em relação a elas pode ser descrito da seguinte forma:

Também aqui, tal como no seu papel no ritual, o que chama a atenção é a proeminência das mulheres. Mas, papéis – visto pelos homens – são permeados de ambiguidades e tensões. Ou seja, as atitudes masculinas às mulheres atenienses tal como são reveladas nas projeções imaginativas do mito mostram um profundo sentimento de mal-estar. Elas oscilam entre os polos do medo, até repulsa, e da dependência total em relação às mulheres.

Assim, torna-se possível perceber que nas condições de produção do mito, há uma relação ambígua acerca das projeções imaginárias da mulher, em face de delinear-se na oscilação entre a função de realizar todas as tarefas básicas, de modo que o homem não era capaz de sobreviver sem seu auxílio, e, por outro lado, receberem sobre si o sentimento de repulsa, medo e superioridade por parte dos cônjuges ou outras figuras masculinas da família.

Por essa via, nota-se que o processo de construção dessa representação da mulher, como ponto de tensões na sociedade grega, em Eros e Psiquê, perpassa diversos aspectos que são observáveis nas sociedades contemporâneas a nós, *verbi gratia*: o incentivo à rivalidade feminina, por meio da relação de Afrodite e Psiquê; a impulsividade, ingenuidade e curiosidade como traços falhos exclusivamente observáveis nas mulheres; os padrões de beleza com a construção da subjetividade feminina; e objetificação sexual da mulher.

Além disso, a narrativa comporta diversos níveis simbólicos que se entrelaçam à ideologia patriarcal e seu impacto sobre a mulher como, por exemplo, a posição das irmãs de Psiquê, que inicialmente podem indicar um sentimento de inveja, revelam, numa análise profunda, sua revolta no tocante ao matrimônio e seu ódio ao patriarcado posto que descrevem Eros como um monstro.

Não obstante, a leitura de um mito é, antes de mais nada, uma forma transcultural de análise e, portanto, pressupõe que haja cautela. Por conseguinte, vale ressaltar que existem



mitos em todas as culturas, desde as antigas sociedades às modernas, das agrafas às com a tecnologia da escrita bem estabelecidas e essas relações de distanciamento entre a lógica de quem lê e os contextos imediatos de produção diferem-se de acordo com a sociedade em evidenciada nos discursos míticos.

Isto posto, faz-se necessário mencionar que a Grécia antiga, condição de produção de Eros e Psiquê, se estabelece enquanto colonizadora intelectual da cultura ocidental. Nesse esteio, Holland (2010 apud MOTERANI e CARVALHO, 2016, p. 04), destaca que a ideologia misógina começa a dar sinais por volta do século VIII a.C., em algum lugar do Mediterrâneo oriental, e simultaneamente surgiam os mitos da criação na Grécia e Judeia de modo a retratar a figura da mulher como a origem de todo mal, como condutora das fraquezas e desastres humanos.

Por consequência, os mitos de Pandora, como a primeira mulher, e de Eva, no gênesis, deixam margem à punição feminina em virtude de os dizeres míticos justificarem as ações das comunidades no que tange à falta de direitos da mulher, sua dedicação exclusiva e obrigatória aos cuidados do lar, uma vez que, de acordo com os discursos em voga, elas deviam isso à sociedade.

Vale destacar, por sua vez, que essa conjuntura se constitui a partir da aproximação que é feita da mulher com a natureza, conforme se faz possível observar no seguinte excerto: “as mulheres são consideradas mais próximas da natureza do que da cultura. Como toda cultura desvaloriza a natureza, uma vez que se esforça para dominá-la, as mulheres tornam-se símbolo de um ser de categoria inferior.” (LERNER, 1986, p. 67). A partir dessa conjuntura, o sistema patriarcal e o mito, enquanto engrenagem que move essa máquina, traçam a imagem, nas sociedades antigas – que não deixam de refletir no imaginário coletivo atual –, da mulher como alteridade na dicotomia das relações sociais, o ser outro que distancia o homem (espécie) da evolutiva capacidade de alterar a natureza. Desse modo, por sua condição biológica, a dominação da mulher simboliza, para o patriarcado, o domínio do meio.

A partir do percurso histórico realizado no capítulo anterior, faz-se possível compreender que o declínio feminino nas formulações míticas corresponde à percepção de que a mulher é fecundada pelo falo, transportando a responsabilidade da concepção, até então atribuída exclusivamente à mãe, ao macho, como o arado na terra, direcionando a retratação da mulher como culpada pelas impurezas e problemas do universo humano.



Tendo em vista esses aspectos, os próximos passos da pesquisa tangem à análise da materialidade, considerando seus aspectos ideológicos e as tensões simbólicas que afetam a configuração do sujeito mulher a partir do discurso em voga.

2.2 Eros e Psiquê: uma representação do amor ou um aprisionamento feminino?

A narrativa de *Eros e Psiquê* se constitui enquanto uma tentativa de explicar e justificar temas inerentes a comportamentos humanos. A partir desse pressuposto, existem diversos trabalhos de análise que consideram o mito sob a perspectiva simbólica do amor, uma vez que retrata o matrimônio entre o deus que representa esse sentimento com uma mortal que denota a alma individual, conforme se faz possível notar no estudo de Rocha e Boff (s. d., p. 55), “a alma individual (Psiquê), imagem fiel da alma universal (Vênus), eleva-se progressivamente, graças ao amor (Eros), da condição mortal à imortalidade divina”. Nesse esteio, a protagonista representa a personificação da alma, que no decorrer do enredo se metamorfoseia e atinge o estágio de perfeição por meio de sua união com o Amor, de acordo com o estudo apresentado.

Além disso, Veçossi et al (s. d., p. 51) apresentam uma análise do mito que se encerra nas questões paradoxais do Amor, enquanto um sentimento que ao mesmo tempo aprisiona e dá prazer. Desse modo, a perspectiva adotada se constitui, a partir do objeto simbólico, com foco em Eros e sua ambiguidade.

Araújo (1998, p. 49), por sua vez, observa o mito de Eros e Psiquê consoante uma simbolização da fusão entre opostos, a união entre o Eu e o Mundo, de modo a delinear que os pilares da narrativa se fundamentam na dinâmica de Encontro-desencontro-reencontro.

Não obstante, Fonseca (2008), relaciona a narrativa sob o olhar da psicologia, articulando o estudo do inconsciente, desenvolvido por Freud e Jung, aos aspectos simbólicos do mito como representação da Alma. Assim, a análise realiza um esboço de *Eros e Psiquê* enquanto fundamento para a teorização freudiana da sexualidade infantil e das fases erógenas, de modo a estabelecer as relações de mãe e filho como reflexo do símbolo da Alma e do Amor na compreensão das profundezas da alma, para desvela-la.

Tendo em vista esses aspectos, foram realizadas diversas leituras acerca do encontro mitológico entre a *Eros e Psiquê*, a partir de vários ramos do conhecimento. Por outro lado, a presente pesquisa busca abordar o objeto de análise não mais encerrado apenas pela perspectiva do símbolo do amor, mas consoante à representação da Alma (Psiquê) como metáfora para a constituição do sujeito mulher na construção discursiva e ideológicas do imaginário coletivo.



Entretanto, é inevitável que se chegue à temática do Amor, além dos muitos outros aspectos a que o mito remete. No estudo em voga, por sua vez, adotar-se-á, em se tratando de amor, a perspectiva da Análise do Discurso. Começamos, portanto, pela compreensão não apenas dele, enquanto sentimento, mas seus efeitos no feminino.

Destarte, de acordo com Floriano (2016, p. 12), apesar de seu uso corriqueiro em muitas esferas da sociedade, o significante amor não é bem definido e tampouco concreto, tornando-se um conceito fluido, porém basilar nos processos simbólicos e nos costumes das sociedades. Todavia, diversas áreas de conhecimento lançam mão desse fenômeno na tentativa de compreendê-lo, desde as ciências humanas às biológicas, ao passo que menciona:

o amor, conforme aparece no texto de Fischer (2008), seria o resultado, o produto final de interações neuroquímicas. Ele se justificaria, nessa maneira de ver o mundo, pela combinação de elementos químicos no cérebro, tais como a dopamina, a norepinefrina e a serotonina. Essa composição, por sua vez, inscreve-se num movimento evolutivo que teria por finalidade assegurar a sobrevivência e a reprodução da espécie humana. O sentido do amor na perspectiva de uma abordagem científico-biológica seria então o de um fenômeno orgânico orientado para o imperativo natural da manutenção e do crescimento dos seres humanos enquanto espécie animal. Assim também se explicariam os diversos artefatos simbólicos que estão relacionados a ele. (2016, p. 15)

A partir do exposto, torna-se observável a ótica positivista das ciências biológicas na compreensão do amor de modo a apresentar as reações que causa no organismo e sua função enquanto manutenção da reprodução da espécie humana. Assim, o caráter de verdade absoluta atribuído ao discurso científico pode causar a impressão de que o impasse esteja solucionado e o significante amor esteja, categoricamente, definido. Não obstante, vale destacar algumas indagações: o amor se encerra no desejo? O significado que atribuímos ao signo amor pode ser compreendido apenas enquanto um instinto natural? E ainda, de que modo os discursos do amor afetam a constituição da mulher na sociedade? Essas questões podem direcionar à uma visão menos simplista no que tange à análise desse fenômeno complexo e tão presente na concepção que se tem sobre o mundo e a vida.

Isso posto, faz-se necessário retomar a questão do amor enquanto desejo. Para tanto, vale ressaltar que a neurociência destaca os aspectos do amor de modo a propiciar uma relação de sentidos com o impulso, o prazer, o desejo e atração sexual. Desse modo, o instinto natural oscila entre o bem e o mal, o prazer e a tristeza, a felicidade e a prisão. Assim, todos esses significados se relacionam no pensamento coletivo ao signo amor, levando à naturalidade



questões como o crime passionai, por exemplo, que acomete, na maioria das vezes, a mulher como vítima.

De acordo com Eluf (2009, p. XIV apud FLORIANO, 2016, p. 17),

[...] é muito grande o número de mulheres que morrem e muito pequena a quantidade delas que matam. Um levantamento feito pela organização não governamental 'União de Mulheres de São Paulo', em 1998, com base em dados das Delegacias de Polícia, concluiu que pelo menos 2.500 mulheres são mortas, por ano, no país, vítimas de crimes passionais.

Essa constatação é fundamental para que se possa compreender, a partir de um contexto nacional - que se estende ao restante do mundo, com cenário acentuado nos países latino americanos -, as pressões simbólicas que constelam o amor vão além da serotonina, uma vez que esse instinto vital é, também, constitutivo basilar nas relações familiares; parentais; afetivo-sexuais; elaborações éticas, religiosas e filosóficas; e, ainda, na concepção moderna de trabalho. Por essa via, é possível compreender que o amor é muito mais que reações químicas naturais, mas sustenta o desenvolvimento da civilização de modo mais amplo, esbarrando-se com outros discursos como o machismo, por exemplo, no que tange às relações matrimoniais e o papel da mulher enquanto propriedade do homem.

A partir desse pressuposto, Freud (p. 35) estabelece que

a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade. Porque isso tem de acontecer, não sabemos; o trabalho de Eros é precisamente este.

Nesse sentido, Eros, como representação de um elemento ora fundamental ora destrutivo, é personificação de coesão social, retratando o caráter de unidade que mantém no sujeito o ideal de coletividade, com o qual se sustentam as organizações sociais.

No que cerne ao mito em análise, o amor pode ser observado em se tratando do desejo, da atração sexual, mas também do elo que sustenta o casamento, na construção familiar. Portanto, à medida que Psiquê é entregue ao paraíso sensual de seu matrimônio com Eros, o estado de seu amor oscila entre o êxtase e a cegueira, o medo e o desejo.

Para compreender essa relação, faz-se necessário retomar a narrativa no ponto em que a Alma é entregue ao casamento, conforme orienta o Oráculo:

O mesquinho pai desta desafortunada filha, suspeitando que alguma ira e ódio dos deuses celestiais houvesse contra ela, acertou de consultar o oráculo antigo do deus Apolo, que estava na cidade de Miliesia; com seus sacrifícios e oferendas, suplicou àquele deus que desse casa e marido à triste de sua filha. Apolo como era grego e de



nação jônia, por razão de que fundara aquela cidade de Milesia, entretanto respondeu em latim essas palavras:

- Porá esta moça mortal adornada de toda vestimenta de pranto e luto, para enterrá-la, em uma pedra de uma alta montanha e deixa-a ali. Não espere genro que seja nascido de linhagem mortal; mas espera-o feroz, cruel e venenoso como serpente: o qual, voando com suas asas, fadiga todas as coisas sobre os céus, e com suas setas e chamas doméstica e enfraquece todas as coisas; ao qual, o mesmo deus Jupter teme, e os deuses de espantam, os rios e lagos do inferno lhe temem. [...]

[...]foram em seu caminho àquele lugar onde estava um penhasco muito alto, em cima daquele monte, em cima do qual puseram a donzela; ali deixaram-na, deixando deste modo com ela as tochas das bodas, que diante dela levavam ardendo, apagadas com suas lágrimas; abaixadas as cabeças, retornaram à suas casas. Os mesquinhos de suas pais, fatigados de tanta pena, fecharam-se em sua casa, e fechadas as janelas, ficaram em trevas perpétuas. Estando Psiquê muito temerosa, chorando em cima daquela penha, veio um manso vento boreal e, como quem estende as saias, tomou em seu regaço; assim, pouco a pouco, muito mansamente levou-a por aquele vale abaixo e a pôs em um prado muito verde e formoso de flores e ervas, onde a deixou que parecia que não lhe colocara (APULEIO, final do século 2, p. 10 e 11)

Dado o modo como se deu o casamento entre Eros e Psiquê, é possível compreender que a representação da união matrimonial, no mito, revela a atmosfera fúnebre que envolve o ritual, simbolizando o fim de um ciclo. Dessa forma, para a mulher, o momento retrata a morte de uma primeira versão, ou seja, a Alma – e também o corpo físico – perde algo que, de acordo com a formação discursiva narrada, deve ser guardado, preservado e protegido.

A partir desse pressuposto, faz-se necessário compreender a relação do casamento com o amor e de que modo ele se desenvolve ao longo do mito. A primeira etapa, portanto, se dá com o amor de Eros por Psiquê, de modo a desobedecer a sua mãe, Afrodite, e tomar a jovem para si. Logo, a protagonista é entregue à relação conjugal sem que se saiba com quem. Por conseguinte, o casamento atua como um rapto, uma conquista do homem em relação à fêmea.

De acordo com Brandão (1987, p. 223),

No casamento greco-latino ao menos, diga-se de caminho, o "rapto" era substituído simbolicamente não só pela fuga simulada da noiva, indo-lhe o marido ao encalço e reconduzindo-a ao cortejo nupcial, que se realizava ao anoitecer, à luz das tochas, mas ainda, quando a procissão atingia a casa do esposo, pelo gesto deste em tomá-la nos braços e colocá-la dentro de seu novo lar. No mundo moderno ainda se usa, de certa forma, a segunda modalidade, mas, ao que tudo indica, o atraso intencional da noiva em chegar ao local do casamento se configuraria numa simulação simbólica de fuga.

Assim, faz-se possível observar o modo como os símbolos mitológicos compreendem não somente a constituição do sujeito mulher a sua época, mas deixa traços sutis no rito do casamento e, principalmente, no discurso sobre a mulher.

Vale ressaltar que o casamento atua enquanto um rito de passagem para a mulher, uma vez que sua sexualidade é controlada de modo a construir, a concepção de que a virgindade deve



ser mantida até o momento do matrimônio, propiciando, assim, os sentidos de domínio sobre o corpo da mulher, principalmente. Além disso, o casamento na qualidade de constituição familiar sustentada no discurso do amor, funciona não só como forma de assegurar a manutenção da espécie humana pela reprodução, mas, também, como instituição social basilar nos processos de submissão feminina. Esses sentidos somente nos são possíveis falar porque consideramos a historicidade deles, porque sentidos resultam da inscrição da língua na história.

Nesse caso, torna-se necessário observar o desenvolvimento do discurso amoroso sob a perspectiva da mulher, no mito. Na narrativa de Apuleio (final do século 2, p. 12-13), o amor da protagonista para com o deus se deu do seguinte modo:

Psiquê foi dormir, depois de passar um momento da noite começou a dormir; logo despertou com grande medo e espanto, temendo em tanta solidão não acontecesse nenhum dano a sua virgindade, do qual ela tanto maior mal temia, quanto mais estava ignorante do que ali havia, sem ver nem conhecer ninguém. Estando neste medo, veio o marido não conhecido, subindo na cama fez sua mulher à Psiquê; antes que fosse o dia partiu dali, logo aquelas vozes vieram à câmara e começaram a cuidar da noiva, que já era proprietária. Desta maneira passou algum tempo sem ver seu marido nem haver outro conhecimento. E, como é coisa natural, a novidade e estranheza que antes tinha pela continuação, já se transformando em prazer, e o som da voz incerta já lhe era distração e deleite daquela solidão.

Destarte, inicialmente a cena do primeiro encontro sexual do casal é descrita como momento aterrorizante para a personagem, visto que estava só, não sabia quem era seu esposo e temia por sua virgindade. Assim, faz-se necessário destacar alguns pontos relevantes nesse estado inicial até o desenvolvimento do amor de Psiquê.

Em primeiro lugar, em se tratando do temor acerca da virgindade, é imprescindível mencionar que o conceito de defloração está ligado ao controle sexual da mulher, de modo que o casamento enquanto rito de passagem significa de forma distinta para o homem e para a mulher. Para o homem, é uma conquista, um ato de poder, algo admirável como nas noites de núpcias em que a relação sexual era assistida pela comunidade ou quando a virgindade da noiva era tirada primeiro pelo rei. Para a mulher, por sua vez, a noite de núpcias representa uma transição, uma separação da menina com sua mãe para ser entregue ao marido, conforme os costumes construídos historicamente pelo discurso patriarcal. É a entrega do que a mulher tem de mais precioso e desejado pelo homem: a virgindade, seu corpo unicamente dele.

Assim, ao apresentar as núpcias de Psiquê, no alto da montanha, Brandão (1987, p 223-224) estabelece que

[...]Não há de ser difícil intuir que a significação desse encontro foi certamente muito diversa para o masculino e para o feminino. O que para o masculino é agressão,



vitória, violação, satisfação dos desejos — basta que se observe o mundo animal e se tenha a coragem de reconhecer este nível como válido também para o ser humano — é, para o feminino, destino, transformação e o mais profundo mistério da vida.

Não é por mero acaso, segundo observou agudamente Erich Neumann, que o símbolo central da virgindade seja a flor e é extremamente significativo que a consumação do matrimônio, a destruição da virgindade, se denomine defloração. Para o feminino o ato da defloração representa um verdadeiro e misterioso vínculo entre um fim e um começo, entre um deixar-de-ser e penetrar na vida real. [...]

[...]torna-se patente quão decisiva deve ter sido, na vida do feminino, a transição da "virgem-flor" para a "mãe-fruto", quando se leva em consideração a rapidez com que se esvai a juventude feminina, sob condições primitivas, e com que pressa é consumida a fecundidade, quando a mulher é submetida a trabalhos pesados e penosos.

Com fundamento no excerto mencionado, é possível compreender que o simbolismo envolvido no discurso do amor conjugal vai além do desejo, significando de modo distinto para o feminino e para o masculino. À medida que a análise acerca dessas relações se aprofunda, torna-se notável a transição da mulher após a defloração, uma vez que histórica e socialmente é concebida a ideia de que a virgindade é um prêmio a ser conquistado pelo homem, até a mulher casada, mãe, cuidadora do lar. Não obstante, Brandão (1987) apresenta esta relação e diferença como algo natural ao comparar a mulher com a fêmea e o homem com o macho e que estas diferenças ocorrem em todo o mundo animal. Esta analogia pode causar a ilusão de que as disparidades sociais e sexuais entre os gêneros é uma condição biológica, portanto, imutável. Torna-se, portanto, um ponto em que se deve tomar cuidado para que não se confunda um sistema estruturado como o patriarcado e seus desdobramentos nas relações de poder entre homem e mulher com a resposta tradicionalista e masculina sobre essas condições. Entretanto, é válida a menção de que há uma simbologia que reflete na experiência do ato sexual vivida pelo homem e pela mulher que se dá em forma de conquista e transformação.

De acordo com Mary Del Priore (2011, p. 06),

A educação do corpo trilhou sendas variadas e obrigou o cumprimento de fórmulas de contenção, contrariando o desejo e os apelos da “natureza”. Antes, malcheirosos e sujos; hoje, perfumados. Ontem, marcados por cicatrizes. Atualmente, cauterizados. No passado, castos e cobertos. Agora, desnudos e exibidos. Evolução? Não... Um longo processo de transformações ao sabor de vários dados: técnicos, econômicos e educacionais.

Por essa conjuntura, faz-se necessário compreender que os movimentos de resistência, de construção dos significados consoante ao corpo feminino observados sob ótica restrita ao contexto atual podem causar a ilusão de que a mulher tem domínio sobre sua sexualidade, que Psiquê representa tão somente as mulheres de Atenas, subjugadas e dominadas. Entretanto, uma análise de cunho materialista, não pode deixar de observar que essas mudanças se dão num



estrato menos amplo, uma vez que a mulher moderna se constitui sob a ideia do sujeito capitalista, uma mulher livre, que paga essa liberdade com o alto preço da sobrecarga, de sua objetificação e da solidão, vivendo numa sociedade que continua ecoando ideologias machistas.

Vale destacar que de acordo com Orlandi (2014, p. 29-38), as minorias são apresentadas na sociedade capitalista a partir da noção de sujeito de direito, ou seja, todos somos iguais perante a lei, com direitos e deveres. Não obstante, esse discurso de igualdade e liberdade apaga as diferenças e ideologias que são carregadas de historicidade. Desse modo, o discurso de liberdade, conforme mencionado anteriormente, apaga a submissão feminina e sua posição entre as minorias, de modo a criar uma ilusão de liberdade acerca do corpo da mulher.

A partir dessa conjuntura, o amor de Psiquê se desenrola com base no constructo de casamento em que a mulher é entregue, deflorada – ou, em muitos casos, estuprada – e dominada pelo conjugue, acostumando-se com sua nova vida. No trecho em que é apresentado o início do matrimônio entre o deus e a mortal, por exemplo, é possível notar que conforme os dias se passaram, a protagonista, bem como muitas mulheres durante a história da instituição casamento, passou do estado de estranheza, medo e tristeza para uma dependência e devoção completa ao esposo, tornando-se uma escrava sexual.

Em contrapartida, o mito apresenta uma outra etapa do amor da Alma em relação a Eros. Nesta nova faceta apresentada, a personagem, após um longo processo de cegueira e submissão, rebelar-se e lança mão do maior dilema de uma mulher que ousa ser resistência: a sensação de ser capaz de amar sem o peso da obediência e a culpa por ferir o objeto de desejo com sua decisão. Vale ressaltar a característica psíquica do feminino ao revoltar-se contra a escuridão do patriarcado e, desse modo, experimentar o amor sob uma nova ótica, não livre, tampouco pura, mas certamente menos inocente. A respeito disso, o mito diz:

Estava ante ao pé da cama o arco e as setas, que são armas do deus do amor; o qual, tudo olhava Psiquê, não se cansava de olhá-lo, maravilhando-se das armas de marido; tirou da aljava uma seta, tentando com o dedo, ver se era aguda como diziam, cortou-lhe um pouco a seta, de maneira que começaram a sair umas gotas de sangue da cor de rosas, desta maneira, Psiquê, não sabendo, caiu e foi presa de amor do deus do amor: então, com muito maior ardor de amor, abaixou-se sobre ele e começou a beijá-lo com tão grande prazer, que temia não despertasse tão disposto. (APULEIO, final do século 2, p. 22).

A partir desse excerto, Psiquê assume seu papel de alma feminina, atuando de forma antagonica ao discurso patriarcal e, portanto, deixa o estado trevoso em que era entregue a um paraíso sexual. Desse modo, seu ato de subversão ao dito bom comportamento acarreta a descoberta do amor menos centrado no homem, mais próximo de si até a perda de seu marido.



Sua decisão atua tanto como uma metamorfose para sua existência quanto uma afronta ao patriarcado.

Assim, Psiquê se coloca como uma mulher capaz de amar na clareza, remetendo a sociedade atual em que a mulher questiona, luta e resiste à dependência do homem e da visão patriarcal, mas ainda possui capacidade de amar. Dessa forma, a protagonista descobre o amor em sua forma mais bela, em que não é preciso ou necessário amar, mas, por meio da floração de um sentimento voluntário e não mais como uma relação de dependência, a alma feminina se torna a maior arma de Psiquê contra o patriarcado.

Ademais, o mito toca outras questões que refletem ainda hoje na construção histórica, por meio da literatura, acerca do perfil da mulher. Entre essas problemáticas, faz-se necessário mencionar a rivalidade feminina com a qual a narrativa se desenvolve entre Afrodite e Psiquê. Desse modo, é importante mencionar que os deuses, na mitologia grega, apresentam sentimentos e atitudes semelhantes aos dos homens e mulheres. Assim, a deusa do amor se depara com seus templos abandonados e suas oferendas esquecidas em função da beleza de uma mortal e decide puni-la:

- Veem aqui eu, que sou a primeira mãe da natureza de todas as coisas; eu que sou princípio e nascimento de todos os elementos; eu que sou Vênus, criadora de todas as coisas que há no mundo, sou tratada de tal maneira que na honra de minha majestade tenha que ter parte do meu ser uma parceira, uma moça mortal; que meu nome, formado e posto no céu, tenha-se que profanar em sujeiras terrestres? [...]

[...] mas esta, quem quer que seja, que roubou e usurpou minha honra, não haverá prazer disso: eu lhe farei que se arrependa disto e de sua ilícita formosura.

Logo chamou o Cupido, aquele seu fico com asas, que é assaz, temerário e ousado; o qual, com seus maus costumes, menospreza autoridade pública, armado com setas e chamas de amor; percorrendo de noite pelas casas alheias, corrompe os casamentos de todos, sem pena nenhuma comete tantas maldades que coisa boa não faz. A este como quero que sua própria natureza ele seja desavergonhado, abusado e destruidor; mais que isto lhe acendeu mais com suas palavras e levo-o àquela cidade onde estava esta donzela, que se chama Psiquê, mostrou-se-lhe, dizendo-lhe com muita irritação, gemendo e quase chorando, toda aquela história da semelhança invejosa de sua formosura, dizendo-lhe nesta maneira:

- Oh, filho! Eu rogo-lhe pelo amor que tem a sua mãe, pelas doces chagas de suas setas, pelos saborosos jogos de seus amores, que você cumpra vingança a sua mãe: venha contra a formosura rebelde e costumaz desta mulher [...] (APULEIO, final do século 2, p. 08).

A partir desse excerto, é possível que se observe a relação de disputa e competição entre duas mulheres em função da beleza e adoração dos homens. Por esse pressuposto, aproximam-se dois problemas importantes que constelam os sentidos sobre feminino na visão patriarcal: a rivalidade feminina e os padrões de beleza na construção da subjetividade da mulher.



Nesse esteio, em primeiro lugar, é necessário estabelecer a compreensão de que uma das reivindicações atualmente pontuadas pelas pautas feministas se trata da sororidade e seu papel no combate à disputa entre mulheres. Destarte, as formas de construção identitárias, como as produções literárias, apresentam essa impossibilidade de união feminina à medida que seu distanciamento funciona na manutenção do patriarcado.

De acordo com Maciel (2019, p. 19),

Essa noção de rivalidade é difundida por uma cultura extremamente machista. “O fato é que fomos ensinadas a achar que não temos motivos para nos unirmos ou, ainda, que, mesmo se quisermos nos unir, isso não seria possível, afinal, somos mulheres e apenas os homens são capazes de ter laços verdadeiros e intocáveis” (SOUZA, 2016, p. 46). Para Marcia Tiburi (2018), essa união de mulheres é vista pelo patriarcado como um perigo que deve ser evitado, afinal, unidas, as mulheres têm mais poder para questionar, exigir equidade e se empoderar. Por isso, a sororidade é peça importante na luta contra o machismo, já que ela empodera as mulheres a partir da solidariedade entre elas.

Partindo desse pressuposto, a relação entre Vênus e Psiquê representa essa construção imaginativa consoante à competição entre o sexo feminino de modo a dar suporte aos valores patriarcais que dividem e distanciam as mulheres para dominá-las.

Assim, o mito atua como um dos pilares que sustenta, desde a antiguidade, o discurso que propõe que mulheres devem ser rivais, principalmente no que tange à beleza, uma vez que o sistema patriarcal implementa, na construção da subjetividade feminina, a ideia de que o homem deve ser conquistado, disputado como único fim da vida de uma mulher.

Não obstante, o mito da beleza, mesmo que desenvolvido com afincamento após a revolução industrial, já apresentava formas de condução da mulher ocidental desde o mito grego, conforme observa-se em Eros e Psiquê. Isto posto, vale destacar que à medida que o feminismo avançava, conquistando o direito ao voto, a posse de bens etc., o patriarcado, por meio da indústria e mídia, passou a investir em novas formas de domínio da mulher. Logo, sutilmente, o espaço intelectual das mulheres foi ocupado por questões acerca do peso, da pele, do cabelo e das roupas. Assim, a constituição da posição sujeito mulher foi sendo minada de insegurança, segregação, distúrbios alimentares, desejo por cirurgias plásticas e a sensação de falta de liberdade em função da beleza.

Logo, de acordo com Wolf (1992, p. 12-13), acerca do mito da beleza,

Estamos em meio a uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza. Ele é a versão moderna de um reflexo social em vigor desde a Revolução Industrial. À medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da



domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social.

Nesse sentido, constitui-se um discurso voltado à imagem feminina com base na ideologia da beleza, que tem a capacidade de dominar e afetar mesmo mulheres que possuem poder e independência, de modo a estabelecer, em seu subconsciente, o sentimento de insatisfação e insegurança consigo mesma, vazio e falta de uma aparência muito distante do que é possível a uma mulher que trabalha uma jornada fora de casa e outra com afazeres domésticos.

Ao construir uma análise acerca das danças de rua, em São Paulo, Orlandi (2017, p.134) estabelece uma ótica da relação entre o corpo do sujeito e os sentidos constituídos ideologicamente a partir dele. Analogicamente, portanto, é possível mencionar que

o próprio corpo do sujeito, pela sua presença, produz os sentidos [...]. O silêncio fundante de sentidos (dísparos) ocupam/significam o corpo. Não se trata da presença física, mas da presença simbólico-ideológica e da materialidade do espaço, em suas divisões sociais, seu funcionamento discursivo, na produção de seus efeitos de sentido. (ORLANDI, 2017, p. 134, grifo nosso) **DAR UMA OLHADA NA ABNT – FONTE 10, COMO ESTÁ, OU 11?**

Assim, torna-se possível relacionar o excerto à reflexão sobre os sentidos que ecoam no corpo feminino, uma vez que a presença simbólico-ideológica de um corpo considera belo, constituído historicamente, significa no sujeito mulher de modo a afetar sua relação consigo mesma e representar, inclusive, divisões sociais. Desse modo, Psiquê simboliza o suprassumo da beleza de uma mulher, uma humana digna de tornar-se deusa em relação às outras, por seu corpo produzir efeitos de sentido a partir da ideologia que relaciona a subjetividade feminina aos padrões de beleza.

Em suma, o mito da beleza se configura enquanto um instrumento de controle da mulher em sua relação com sua subjetividade e, ainda, com outras mulheres, à medida que os padrões de beleza atuam como um paradigma, em que as insatisfações pessoais refletem na percepção que se tem acerca das semelhantes, gerando vínculos a partir da rivalidade.

Nesse ângulo, Vênus e Psiquê representam forças femininas que se opõem, se dividem e disputam em função do espaço de mais adorada pelos homens. Nesse viés, a competição das personagens pela beleza se constrói sob a premissa da valorização da mulher jovem em detrimento da madura, conduzindo a narrativa e construindo a ideologia pelo ângulo da segregação feminina.



Ademais, outro possível elo fundamentado no conflito entre mulheres, observável no mito, se constitui entre Psiquê e suas irmãs mais velhas. Por sua vez, uma análise possível se circunscreve na atitude das primogênitãs não como raiva ou invejosas em relação à caçula, mas enquanto símbolo de uma reação ao patriarcado, visto que foram dadas em alianças políticas a homens velhos e doentes para servir-lhes como esposas, conforme é possível notar no seguinte excerto:

Retornado à casa, foram ardendo com o fel da inveja que lhes crescia; uma à outra falava sobre isso muitas coisas, entre as quais, alguém disse isto:

- Olhem agora que coisa é a fortuna cega, malvada e cruel. Parece-lhe como bem, que sejamos todas as três filhas de um pai e mãe e que tenhamos diversos estados? Nós, que somos maiores, sejamos escravas de maridos arrivistas; que vivamos como desterradas fora de nossa terra; apartadas muito longe de casa e reino de nossos pais; está nossa irmã, última de todas, que nasceu depois que nossa mãe estava farta de parir [...] eu, mesquinha, o primeiro que posso dizer é que fui casada com um marido mais velho que meu pai; além disto, mais calvo que uma cabeça e mais fraco que um menino, guardando de contínuo a casa fechada com ferrolhos e cadeias.

Quando disse isto, começou a outra é disse:

- Pois eu sofro outro marido gotoso, que tem os dedos tortos de gota, é encurvado, pelo qual nunca tenho prazer; esfrego-lhe continuamente seus dedos endurecidos como pedra com remédios fedidos, panos sujos e cataplasmas; que já tenho queimadas estás minhas mãos, que costumavam a ser delicadas, que certo eu não represento ofício de mulher, mais antes uso de pessoa de médico, e até bem fatigado. Mas você, irmã, parece-me que sofre isto com ânimo paciente; até melhor poderia dizer que é serva, porque já é livremente quero dizer que sinto. (APULEIO, final do século 2 p.15-16)

A partir dessa conjuntura, o mito apresenta o sentimento de inveja enquanto conflito condutor para que as irmãs instiguem a revolta de Psiquê contra Eros. Entretanto, conforme o texto menciona, a inveja é apenas um reflexo da mágoa contra o patriarcado e suas vidas de escravas no casamento. Nesse esteio, o que é destacado como inveja, fomentando a rivalidade feminina nas palavras do patriarcado, inscreve-se muito mais como um ato de resistência à submissão da mulher no matrimônio, assumindo a desobediência como guia na dicotomia entre a cegueira e morte.

Nesse sentido, vale retomar a premissa de que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, entretanto, todo discurso se constitui na/pela falha, ou seja, o discurso, que é materialidade de ideologias, cria a ilusão de única possibilidade de dizer o que está sendo dito, de que a forma de se pensar, por exemplo, a relação entre as mulheres é apenas como rivais. Não obstante, é exatamente nesse ponto que a falha se torna parte do discurso, no nonsense o sujeito, individuado, e o sentido não necessariamente coincidem, pois na falha há a possibilidade da resistência, há a possibilidade, *verbi gratia*, das irmãs de Psiquê não serem



invejosas, mas atuem na revolta contra o patriarcado na figura do monstro/homem que mantém a irmã na ignorância.

Destarte, segundo Orlandi (2017, p. 142) “a resistência resulta de furo na ideologia, em falhas no Estado, e na inscrição dos sujeitos em diferentes formações discursivas, em seus processos de identificação, na constituição de posições-sujeito”. Logo, conforme mencionado anteriormente, a resistência reside na fissura do possível, é por ela que vemos o rastro da faísca de inconformismo feminista desde o mito grego, simbolizado nas irmãs de Psiquê e no seu ato de desobediência a Eros, conforme Brandão (1987, p. 227)

Assim, por mais paradoxal que possa parecer, as irmãs-sombras (desde que se deixe de lado a intriga superficial que as envolve) representam um aspecto da consciência feminina que marcará todo o subsequente desenvolvimento de Psiquê. Sem ele, ela não seria o que é, a saber, a psiquê feminina. Apesar de sua forma negativa, antimasculina e assassina, a incitação das irmãs configura a resistência da natureza feminina à situação e à atitude de Psiquê, bem como o início de uma maior conscientização feminina

A partir desse ponto, torna-se relevante destacar que o ato de rebeldia da protagonista não se apresenta como simples resultado da intriga de suas irmãs, estas apenas despertaram o ímpeto de inconformismo presente em Psiquê, uma vez que “pensando no mal que lhe podia vir; desta maneira já o queria fazer, já o queria dilatar, agora ousava, agora temia, já desconfiava, já se zangava. Enfim, o que mais lhe fatigava era que em um mesmo corpo aborrecia à serpente e amava a seu marido.” (APULEIO, final do século 2, p 21). Logo, a personagem, bem como muitas mulheres que vivenciam relacionamentos sob o prisma patriarcal, articula o sentimento dicotômico de amor e ódio ao parceiro, em função do medo, da insegurança e do rancor de ser mantida como prisioneira sexual e não poder conhecer a face do esposo. Dessa forma, o ato transgressor da personagem simboliza a percepção da mulher mediante seu estado submisso no casamento.

Por conseguinte, Psiquê rompe o aspecto obediente e sereno que é apresentado no mito como características essenciais às mulheres, ela desobedece ao iluminar o rosto de Eros e enxergar com quem dorme todas as noites, assim, em seu ato de libertação fere seu esposo que a abandona como castigo por tal insubordinação. A cena narrada é carregada de símbolos e significou nas mulheres de Atenas, bem como significa ainda hoje nas mulheres do Ocidente. Basta que se observe a imagem que se faz das feministas contemporaneamente como mal amadas, feias e solitárias. Portanto, faz-se possível observar que a mulher que se revolta, que desobedece ou se desvia do padrão de “bela, recatada e do lar” deve ser abandonada, rejeitada pelos homens e incompleta como punição e essa constatação não surgiu hoje, tampouco após a



revolução feminista, mas vem sendo construída no imaginário social desde a Grécia Antiga e até anteriormente a ela. Desse modo,

Para ele, o deus masculino, a amante era desejável, enquanto no escuro, e ele a possuía com exclusividade. Afastada do mundo, vivendo apenas para ele, sem participação e interferência em sua existência divina, Psiquê se tornara apenas uma companheira para suas noites. Sua insistência em manter-se no anonimato agrava ainda mais a condição servil da parceira: a cada dia ela era mais devorada por ele. Tentando matá-lo e ferindo-o, mas vendo-o, Psiquê emergiu da escuridão e assumiu seu destino como mulher apaixonada, pois ela é Psiquê, quer dizer, sua essência é psíquica e, por essa razão, uma existência nas trevas não pode satisfazê-la. (BRANDÃO, 1987, p 232)

A partir do excerto em destaque, confirma-se o modo como o obscurantismo de Psiquê era prezado por Eros. A princesa, destarte, servia-lhe sem interferir na sua vida, de modo a ser anulada, entregando-se ao deus do amor e vivendo num conflito interno de amor e ódio, medo e desejo. Por outro lado, sua essência psíquica toma o controle de sua vida no ato contra o masculino, de forma a assumir a responsabilidade por sua própria história, superando o medo do desconhecido de modo a libertar-se das vendas da submissão, com a consequente perda do esposo, que não consegue compreender ou conviver com uma mulher livre.

Por essa via, o enredo se desenvolve na linha de conflito a partir do desespero da protagonista ao tentar tirar a própria vida e, em seguida, buscar a recuperação do casamento. Para tanto, ela realiza uma série de tarefas impossíveis aos mortais, até falhar na última, que se trata de transportar a beleza imortal até Afrodite. Nesse ponto, vale ressaltar que, mais uma vez, a busca pela beleza e a curiosidade simbolizam a fraqueza e a derrota da mulher. Assim, Psiquê cai num sono eterno, e é salva por Eros, conforme se observa frequentemente na literatura produzida por homens e direcionada às mulheres, o homem aparece na história enquanto o salvador, o herói que resgata a princesa inocente de seus próprios atos inconsequentes.

Por outro lado, faz-se necessário destacar que esse segundo ato rebelde reafirma que as escolhas de Psiquê são, também, reflexo do desejo feminino de não se submeter às regras nem do esposo, tampouco da sogra. Conforme nota-se no seguinte excerto:

Depois de adorada a clara luz do dia, que voltou a ver, como queria cumprir isto, acabava o serviço que Vênus mandara, vindo-lhe ao pensamento uma temerária curiosidade:

- Bem sou eu néscia trazendo comigo a divina formosura que não tome dela sequer um pouco para mim, para que possa agradar àquele meu formoso apaixonado.

Quando insto disse, abriu a bolsa, dentro da qual nada havia, nem formosura alguma, salvo um sonho infernal e profundo, o qual



destampado, cobriu à Psiquê de uma névoa de sonho grosso, que todos seus membros tomou e possuiu; no mesmo caminho por onde vinha, caiu dormindo como uma coisa morta. (APULEIO, Final do século 2, p. 54).

Nesse esteio, Brandão (1987), em sua análise, destaca que o fracasso de Psiquê e seu resgate são símbolos mais profundos:

O final feliz, devido a Eros, que desperta a esposa do sono da morte não é uma simples intervenção do deus ex machina, tão comum na literatura clássica, mas algo muito mais profundo. Por que Psiqué fracassa, justamente, agora, no final? Seria apenas por irresistível curiosidade feminina somada a uma vaidade narcísica? Psiqué fracassa e precisava fracassar [...]

[...]Tal mudança ocorreu por causa de Eros e isto exprime uma perspicácia profundamente feminina. Psiqué é uma mortal em conflito com deusas. Isto é mau o bastante, mas, na medida em que seu bem-amado é também um deus, como poderá ela olhá-lo, contemplá-lo de frente? Ela procede da esfera terrena, mortal, mas aspira a tornar-se uma igual a seu amante divino. De modo muito feminino, ela intui que seus atos e seu sacrifício final o comoveriam e o forçariam a salvá-la. (BRANDÃO, 1987, p. 247-248)

A partir dessa conjuntura, a protagonista entrega-se ao fracasso para alcançar a recuperação de seu esposo, de modo a conquistar, ainda, a imortalidade no Olimpo. Por conseguinte, o que o mitólogo apresenta como perspicácia feminina, podemos observar por outro ângulo como um ato de submissão. Assim, Psiquê, ao se entregar no último desafio, pratica algo que muitas mulheres costumam fazer diante de um homem que não sabe lidar com a liberdade feminina: simula fragilidade para alimentar o ego do parceiro, que assume o poder.

Na sociedade contemporânea, estudos da psicologia apresentam, por exemplo, a síndrome da impostora como reflexo dessa insegurança das mulheres em conquistar espaço, uma vez que crescem com a imagem da moça indefesa, dependente e ameaçada construída em seu subconsciente. Logo, de acordo com o sistema patriarcal, o poder do homem dominador não deve ser desafiado, caso contrário, a mulher ficará sozinha e fadada a uma vida sem amor.

Em suma, o mito apresenta uma perspectiva da visão patriarcal dos primórdios da construção imaginativa do que viria a ser o berço do pensamento intelectual de todo o Ocidente. Nesse sentido, a voz masculina que ressoa na literatura, especificamente no mito, cria tanto nas mulheres quanto nos homens as delimitações, as fronteiras na memória acerca do espaço feminino, mostrando o que seriam qualidades e defeitos numa mulher e, mais ainda, quais as consequências de se desviarem de tais configurações. Assim, os enlaces simbólicos ente Eros e Psiquê mostram-se enquanto ferramenta de controle e dominação na constituição de ideologias basilares para o Patriarcado.



Doravante, faz-se necessário lançar mão do conto de fadas “À leste do sol e oeste da lua” e compreender sua intertextualidade e interdiscursividade em relação à narrativa de Eros e Psiquê para que se observe a perpetuação do discurso em voga.

2.3 As condições de produção discursiva do conto de fadas *A Leste do Sol e a Oeste da Lua*

De acordo com Orlandi (1999, p. 15), “A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. Trata-se, portanto, do objeto de estudo da AD (Análise do Discurso) a ideologia materializada, ou ainda, a análise do “dito em relação ao não dito” (ORLANDI, 1999, p. 59) em formações discursivas. Dessa forma, levando em conta a posição do sujeito que enuncia e sua relação de aliança, antagonismo ou dominação com o discurso, faz-se possível analisar a formação ideológica intrínseca à formação discursiva, que só possui identidade através da relação interdiscursiva.

Partindo do pressuposto da opacidade da linguagem, em todo discurso, nota-se que o sujeito é definido pelo Outro e afetado pelo contexto em que se insere, considerando o real da história. Por conseguinte, para que se realize a leitura analítica de dado texto, é imprescindível que se compreenda suas condições imediatas de produção, ou seja, onde foi produzida, por quem, quando e por quais motivos. A partir desse critério da AD, faz-se relevante mencionar que a obra *A Leste do Sol e a Oeste da Lua* trata de um conto de fadas, segundo Tatar (2004, p. 186), publicado em 1849, num volume intitulado *Fairy Tales of All Nations*, enquanto uma variante de A Bela e a Fera e inspirado no mito de Eros e Psiquê, originário dos países escandinavos, que alcançou popularidade nas culturas anglo-americanas, foi escrito por Peter Christen Asbjornsen e Jorgen Moe.

Nesse sentido, os escritores realizaram pesquisas no campo dos contos populares e lendas da Noruega, de modo a construir um arcabouço de narrativas que representassem o conhecimento cultural da sociedade à época. Nesse esteio, pensar o conto de fada sob ótica da AD pressupõe compreender que as palavras e sentidos que são construídos ali, representam a materialização de ideologias dominantes - especificamente para nossa análise, a ideologia patriarcal – marcada pelo contexto sociohistórico em que o discurso foi enunciado.

De acordo com Tatar (2004, p. 186), a obra sugere uma localização geográfica que representa uma região misteriosa, com clima frio e tempestuoso, remetendo, portanto, às belas paisagens norueguesas. Outra característica marcante na obra diz respeito à condição miserável da família da moça levada pelo Urso branco em troca de riquezas. Esse quadro representa o



momento de crise e fome que a população enfrentava na época devido ao clima mencionado em algumas passagens do conto, referindo-se a tempestades pavorosas.

Além da pobreza em virtude do clima, outro sentido que deve ser mencionado refere-se à condição feminina no contexto de produção da narrativa. Para tanto, vale destacar que mesmo que hoje os países nórdicos sejam referência em se tratando da equidade entre homens e mulheres, os mitos, lendas e contos antigos apresentam uma configuração do papel da mulher encerrado nos cuidados do lar. Entretanto, faz-se necessário mencionar que mesmo com diferenças entre o homem e a mulher, já era possível observar peculiaridades nas narrativas míticas nas sociedades dadas, com mulheres guerreiras, por exemplo, na busca de conquista por novos territórios. Assim, a partir de Delvalle, (2014, p. 01)

a maneira como a deusa viking era representada dentro da mitologia germânica antes do sincretismo religioso cristão mudou radicalmente após esse processo devido ao conflito entre os modelos marciais femininos das deusas e da Virgem Maria, visto que, as duas imagens representavam um modelo feminino a ser seguido pelas mulheres da sociedade. Sendo assim, teremos a imagem da deusa associada a valores guerreiros de autossuficiência, feminilidade, e feitiçaria, e de outro lado a imagem da virgem, como representante do modelo de pureza, submissão e devotamento à família.

Destarte, os efeitos do cristianismo na ideologia nórdica alteraram os cursos acerca da representação da mulher no contexto sócio-histórico em voga, de modo a estabelecer um paralelo entre deusas independentes, conectadas com o misticismo e a Virgem como padrão de mulher devota aos cuidados familiares. Daí, possivelmente, o resquício originário de mulheres guerreiras nos avanços sociais da luta feminista nos países como a Noruega, Suécia, Dinamarca e Islândia, denotando os melhores lugares para se viver enquanto mulheres no mundo contemporâneo.

Não obstante, conforme mencionado, os efeitos de sentido produzidos pela imagem da Virgem Maria tiveram grande impacto nas relações de poder para os povos nórdicos. Portanto, para compreender o papel da mulher e as delimitações ideológicas patriarcais sobre elas no imaginário coletivo dos escandinavos, faz-se necessário destacar que, de acordo com Delvalle (2014, p. 07)

Na sociedade escandinava, a mulher tinha que cuidar das crianças pequenas, preparar e cozinhar o alimento, limpar a casa e lavar a roupa. Era a mulher que cuidava dos feridos, doentes e idosos. Quando o homem estava ausente, ela ficava encarregada da autoridade doméstica e seu símbolo era um molho de chaves preso ao cinto. Geralmente eram os pais que escolhiam o marido para as filhas, mas elas não eram obrigadas a casar. Nem a idade ou a falta de virgindade eram empecilhos para o casamento. As mulheres podiam pedir divórcio (entre os motivos, por exemplo, a impotência), ter propriedades e bens legais. As viúvas podiam se tornar poderosas com a herança do marido.



A partir desse excerto, nota-se o aspecto dual da vida dessas mulheres, que oscilava entre a submissão e um leve sinal de poder, ao serem comparadas com mulheres a seu tempo em outras sociedades. Por essa via, o conto de fadas, que foi produzido num outro momento histórico, traz em seu âmago a constituição de sujeito e sentidos consoante ao feminino no discurso, revelando elementos que compõe o símbolo da mulher doméstica e submissa.

Por conseguinte, o estudo em construção delinear-se-á a partir da análise do conto de fadas *A Leste do Sol e Oeste da Lua*, que se sustenta no mito de Eros e Psiquê, apresentando suas particularidades na construção dos significados sobre a mulher na sociedade patriarcal, por meio da literatura produzida por homens.

2.4 A Leste do Sol e Oeste da Lua: era uma vez o mágico poder da mulher submissa na representação do patriarcado

O ponto de partida para compreender a construção ideológica do discurso patriarcal na narrativa de *A Leste do Sol e Oeste da Lua* é compreender o subgênero literário conto de fadas a partir da Análise de Discurso. Para tanto, faz-se necessário compreender que a materialidade do discurso afeta o gesto de interpretação. Assim, de acordo com Orlandi (1996, p. 12),

Há muitos modos de significar e a matéria significativa tem plasticidade, é plural. Como os sentidos não são indiferentes à matéria significativa, a relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita, etc. A matéria significativa – e/ou a sua percepção – afeta o gesto de interpretação, dá uma forma a ele.

A partir desse pressuposto, vale destacar que os sentidos que compõem os discursos são afetados de acordo com sua matéria significativa, influenciando nos modos de percepção do sujeito. Assim sendo, bem como uma música ou um poema afloram a sensibilidade humana; os mitos delimitam os sentidos que devem ser construídos; o conto de fadas se inscreve enquanto uma narrativa originalmente produzida e circulada oralmente, que assume uma textualidade no processo de didatização infantil. Desse modo, o conto assume função importante na manutenção de ideologias dominantes, como o patriarcado, uma vez que têm grande papel de identificação no sujeito desde a infância.

A partir do que Santos (2015, p. 07) menciona, o conto de fadas está diretamente ligado na formação ideológica acerca do papel da mulher na sociedade:

Desde o século XIV, junto com o surgimento das histórias dos irmãos Grimm, que transcreveram contos infantis que até então eram apenas contados oralmente, até hoje, as princesas dos contos de fadas são fonte de inspiração para mulheres, sejam elas crianças ou até mesmo adultas, por apresentarem toda a suposta essência feminina, tal



como beleza e graciosidade, e ainda mostrarem que, no fim das contas, elas vivem felizes para sempre ao lado de seu príncipe. Podemos dizer, então, que é visível o modo como esse discurso das princesas dos contos de fadas afeta a constituição da imagem da mulher na sociedade, influenciando o modo como são vistas e o modo como elas se veem.

Por essa via, as princesas dos contos de fada representam a suposta essência feminina cercada de delicadeza, dotes domésticos, beleza inigualável e generosidade, dedicando suas vidas ao príncipe encantado que as salva de uma bruxa terrivelmente má. Nesse esteio, os símbolos presentes nessas narrativas constituem tanto os sentidos sobre o feminino, como o que se espera de uma mulher ideal, quanto o sujeito em si, na busca de uma identificação com o padrão delicado e sublime de uma princesa encantada.

Por conseguinte, em *A Leste do Sol e Oeste da Lua*, tal caracterização não se encerra de modo distinto. O enredo se apresenta com um camponês e seus muitos filhos envolta de uma lareira, numa noite fria e tempestuosa. Assim, tal homem era fadado à uma miséria muito grande, mas possuía filhos e filhas belíssimos, com foco na caçula, que era especialmente bela. Desse modo, o conflito se dá a partir da chegada de um enorme Urso Branco, que oferece riquezas proporcionais à pobreza da família em troca de levar a mais jovem em casamento. Logo, o pai, tentado, não aceita antes de consultar a filha, que se nega. Em seguida, a narrativa se desenrola por meio do pai convencendo a caçula a aceitar o pedido, à medida que todos ficariam mais felizes, inclusive ela.

Assim, faz-se necessário ressaltar um ponto de divergência em se tratando da liberdade feminina nas sociedades escandinavas em relação à outras culturas a seu tempo, de forma que a mulher era consultada antes de ser entregue em casamento a um homem, conforme mencionado no subtópico referente às condições de produção do conto (DELVALLE, 2014, p. 07).

A menina, então, parte carregada nas costas do Urso por um caminho de paisagens carregadas de mistério até uma montanha, em que se depara com um castelo encantado, de modo a receber a realização imediata de todos os seus desejos.

Vale destacar aqui, o aspecto sutil do discurso de apresentar às mulheres o casamento como salvação, meio de transformação da vida e realização, que é representado no conto de modo muito belo e encantador, uma característica típica da textualidade em questão. Assim, de acordo com Blank (p. 02),



No que tange à Análise do Discurso, os contos de fadas parecem ser tomados como um gênero discursivo que tende a estabilizar sentidos já instituídos socialmente, fixando, num processo de construção de identidades, os valores que devem ser considerados positivos ou negativos socioculturalmente. É um legítimo dispositivo de manutenção de tradições, de saberes constituídos pelo senso comum.

Nesse sentido, enquanto um dispositivo identitário de manutenção ideológica, os contos de fada criam uma atmosfera misteriosa e maravilhosa, com elementos sobrenaturais aceitos sem estranheza pelo leitor, de modo causar um sentimento de encantamento, fazendo com que este, anestesiado, internalize os valores legitimados na narrativa em seu inconsciente, de modo a assumir para si preceitos, *verbi gratia*, o final feliz ao alcançar o casamento com o príncipe salvador.

A partir do ponto da narrativa descrito, a relação intertextual com Eros e Psiquê se intensifica à medida que o Urso passa a deitar-se com a protagonista em forma de homem, sem permitir que ela veja sua face. Dessa forma, mais uma vez a personagem feminina é mantida num paraíso sexual, de modo a ser dominada e usada como objeto na relação íntima. A mulher, nessa perspectiva, é tomada como um descanso para o homem, excluída de sua vida e mantida no escuro, privada de uma relação que não se delimita apenas no sexo: sua função é dar prazer.

Em seguida, portanto, o conto segue uma linha similar a do mito, em que a jovem se sente solitária distante da família. A disparidade se dá em função da personagem da mãe tomar lugar das irmãs de Psiquê, conduzindo a filha a desobedecer ao esposo, quando a menina visita o lar. A figura da mãe, nesse sentido, é carregada de simbologia, uma vez que representa, diretamente, a influência do matriarcado no ato de rebeldia e revolta contra o sistema patriarcal.

Assim, ao revelar o rosto do marido com uma vela, consoante à orientação da mãe, a Psiquê dos contos de fada realiza um protesto matriarcal e a vela, nessa ação impulsora, é símbolo de clareza, revelação, libertando-a da escuridão opressiva em que se encontrava. Por sua vez, ao passo que ilumina, a chama da vela e a cera causam dor, tanto no amante que é atingido por ela, quanto na personagem, que perde o amado ao condená-lo a retornar à madrasta-bruxa que havia lançado uma maldição contra o príncipe Urso. Por conseguinte, torna-se possível realizar uma analogia ao despertar da mulher para resistência contra o patriarcado, saindo da posição passiva do outro no discurso, e assumindo o curso da luta ideológica de sua classe, mesmo que no plano individual, o que inicialmente pode ser doloroso e árduo.



Para compreender essa afirmativa, faz-se necessário mencionar que Pêcheux (1984, p. 05), estabelece que

os AIE não são, por outro lado, puros instrumentos da classe dominante, máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes: " ... esse estabelecimento (dos AIE) não se faz sozinho, ele é, ao contrário, o palco de uma difícil e ininterrupta luta de classes..." , o que significa que os AIE constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista). De onde a expressão "reprodução/transformação" que empregamos.

Por esse ângulo, a Literatura, nesse caso específico pela textualidade do conto, enquanto AEI, atua contraditoriamente na manutenção da ideologia patriarcal e na transformação pela manifestação da ideologia dominada, ou seja, o feminino nas relações de “desigualdade-subordinação” propostas pelo discurso em voga.

Além disso, o conto apresenta, no lugar das tarefas de Psiquê para recuperar a presença do cômigo, um longo e desafiador caminho para alcançar o castelo que fica a leste do sol e oeste da lua. Nesse ponto, vale uma atenção especial à localização do castelo, ao passo que determina, também, o título do conto. Assim, Tatar (2004, p. 186) destaca que “a localização geográfica sugere um reino sobrenatural, uma região misteriosa distinta da realidade cotidiana, especialmente porque o sol nasce no leste.” Por essa conjuntura, o castelo se encontra num lugar distante até mesmo do real, do possível. Todavia, a protagonista é auxiliada por três velhas e pelos ventos leste, oeste, sul e norte, de modo que todos destacam o caráter impossível da missão de alcançar seu destino.

Por sua vez, a jovem camponesa não desiste de recuperar o amado e se redimir pelo ato de rebeldia. Desse modo, ela é levada pelo vento até a localidade em que seu príncipe se encontra prestes a se casar com uma mulher horrenda, do nariz comprido, em virtude da maldição da madrasta. Logo, essas duas personagens aparecem como símbolos que reforçam, no imaginário coletivo, o estereótipo da mulher feia e má, a indesejada, mal amada e recalcada, que não se enquadra no padrão da donzela delicada e graciosa, digna do amor de um príncipe. Por conseguinte, a relação entre a subjetividade feminina e os padrões de beleza são reforçados a partir do discurso patriarcal vigente no conto.

Em seguida, a jovem reencontra seu príncipe e combinam um desafio que ele realizaria antes do casamento, de modo que somente a protagonista poderia ser bem sucedida, em se tratando da prova de lavar sua camisa manchada de cera. Vale transcrever o trecho em que o herói desafia sua noiva indesejada:



No dia seguinte, quase na hora do casamento, o príncipe disse: “Antes de mais nada, quero ver o que minha noiva é capaz de fazer.”

“Sim!” disse a madrasta, com muita espontaneidade.

“Bem,” disse o príncipe, “tenho uma bela camisa que gostaria de usar no meu casamento. Mas por alguma razão, ela está com três manchas de cera que precisam ser removidas. Jurei desposar a mulher que conseguir limpá-la. Não vale a pena ter uma que não consiga.” (TATAR, 2004, p. 199)

A partir desse excerto nota-se como o papel feminino é determinado na voz masculina na qualidade de cuidadora doméstica, de modo que uma tarefa como lavar bem uma roupa signifique nos sentidos sobre o que se espera de uma mulher digna do casamento. Essas palavras ecoaram ao longo dos anos de modo a construir uma conjuntura histórico-social que sobrecarrega a mulher, como se os cuidados da família fossem responsabilidade da esposa.

Vale destacar aqui as divisões de trabalho em função do gênero, de modo a observar que a mulher, mesmo atualmente alcançando espaços do mercado de trabalho e independência financeira, ainda trabalha voluntariamente e sozinha nas responsabilidades domésticas. De acordo com Wolf (1992, p 29, grifo nosso)

As mulheres trabalham mais, sejam elas orientais, sejam ocidentais; sejam elas donas-de-casa, tenham elas empregos remunerados. [...] Segundo Ann Oakley, "o status moderno das tarefas domésticas é o de não serem trabalho". Um estudo recente revela que, se o trabalho doméstico realizado pelas mulheres casadas fosse remunerado, a renda familiar subiria em 60%. [...] A economia dos países industrializados estaria arrasada se as mulheres não trabalhassem de graça. Segundo a economista Marilyn Waring, em todo o Ocidente ele gera entre 25 e 40% do produto nacional bruto.

A partir dessa conjuntura, a mulher tem ocupado papel essencial nas relações econômicas desde tempos remotos. Desse modo, o trabalho voluntário com afazeres do lar, assimilado no inconsciente feminino e masculino como função exclusiva das mulheres, é perpetuado a partir de discursos como os dos contos de fada e da literatura de ideologia patriarcal de modo geral. Assim, sustenta-se um sistema econômico com auxílio do patriarcado à custa da entrega feminina, seu sangue e submissão à família, de forma a anular-se em troca de uma sobrecarga que se quer é reconhecida como trabalho, que dirá remunerada. Vale ressaltar, que isso não ocorre de modo natural tampouco desinteressado, como supõe a ilusão de transparência da linguagem, mas é efeito de uma necessidade que sustenta o próprio sistema capitalista.

Por conseguinte, a narrativa se encerra com a moça realizando a tarefa de lavar a camisa e conquistando seu lugar ao lado do belo príncipe. Assim, com a destruição da bruxa má e sua protegida, as mulheres feias, o casal vive o tão almejado final feliz, que também significa no



imaginário coletivo de mulheres, por exemplo, que suportam todo tipo desrespeito, violência e anulação em nome da busca do ilusório “felizes para sempre”, com ênfase na ironia do plural no adjetivo, que, em grande parte, se limita apenas na felicidade do homem.

Nesse sentido, o jogo da memória que une *A Leste do Sol e Oeste da Lua* e *Eros e Psiquê*, articula o discurso patriarcal e a faísca de resistência no âmago feminino, de modo a atuar na qualidade de Aparelho Ideológico do Estado, na manutenção da subordinação da mulher, apresentando seu papel, o que se espera de seus atos e os castigos ao se desvencilharem de tais símbolos. Em suma, sujeito mulher e sentidos sobre o feminino se constituem ao mesmo tempo, com o suporte na literatura produzida por homens, reforçando lugares, papéis e funções próprias a elas.

2.5 *A Leste do Sol e a Oeste da Lua e Eros e Psiquê*: uma relação textual e uma reprodução de sentidos

Por meio das noções de memória histórica (interdiscurso), mencionada por Orlandi (2007, p. 18), nota-se que há sempre algo que já dito anteriormente, mas pelo esquecimento, tem-se a ilusão de que os sentidos são originais. Por outro lado, existe, também a relação de intertextualidade, conforme observa-se nas formações discursivas em análise. Além disso, há, entre as duas formações discursivas analisadas, uma ligação de sentidos, um deslizamento entre o mito grego e o conto de fadas que estabiliza, pelo esquecimento, o discurso patriarcal em sociedades distintas. Dessa forma, ao relacionar o mito de *Eros e Psiquê* com o conto de fadas *A Leste do Sol e a Oeste da Lua* é possível observar um discurso similar que perpassa os dois textos no tocante a relação homem e mulher sob a visão patriarcal.

De acordo com Brandão (1987, p. 132) "Para ele, o deus masculino, a amante era desejável, enquanto no escuro, e ele a possuía com exclusividade." Sob essa afirmação é possível constatar que o mito, que serviu de inspiração para o conto de fadas, descreve uma situação em que a submissão feminina é a maior qualidade de uma mulher na relação conjugal.

A respeito da invisibilidade feminina, no conto de fadas analisado há uma marca evidente do discurso patriarcal que se trata a ausência do nome da representante de Psiquê. Na releitura do mito *Eros e Psiquê*, a moça, trocada pelo pai por riquezas, é mencionada como "a filha mais nova"; "a mocinha" e "a menina" (TATAR, 2004, p. 188, 192).

Ainda, no tocante a coesão discursiva presente nos textos, faz-se notável a tentativa que há, desde os tempos primórdios, em inibir a alma (psique) feminina, sujeitando-a a um estado



servil. Esse discurso tem sido disseminado por Aparelhos Ideológicos do Estado como a família, a igreja e até mesmo a Literatura. Para tanto, nas obras estudadas o patriarcado aparece como uma conscientização de que o matriarcado atua num casamento como uma forma de ferir o esposo, assim, causando o fim da relação.

Em contrapartida, os textos apresentam pontos relevantes a serem discutidos. Dentre esses assuntos, vale ressaltar a característica psíquica do feminino ao livrar-se da escuridão do patriarcado e, desse modo, ser capaz de amar verdadeiramente. A respeito disso Brandão diz:

Viu-se que Psiqué se deixou ferir na flecha de Eros e sangrou: *Assim, despercebidamente, mas através de seu próprio ato, Psiqué se apaixona pelo Amor*. O que a amante de Eros experimenta agora poderia ser chamado de uma segunda defloração, uma defloração que se passa em seu interior. Esse ato de amor, com entrega voluntária a Eros, é ao mesmo tempo um sacrifício e uma perda. (BRANDÃO, 1987, p. 230).

A partir dessa afirmação, o autor constata que Psiquê assume seu papel de alma feminina, atuando de forma antagônica ao discurso patriarcal e, portanto, deixa o estado trevosos em que era entregue a um paraíso sexual. Desse modo, seu ato de militância ao matriarcado acarreta a descoberta do amor numa nova forma, de modo a levá-la a perda de seu marido. Sua decisão atua tanto como um clareamento para sua existência, quanto uma afronta ao patriarcado.

O desfecho das formações discursivas traz uma dicotomia expressiva. Trata do caráter libertador que Psiquê assume no mito e, dessa maneira, conquista seu espaço no Olimpo em contraste com a conquista da filha caçula no conto de fadas que trunfa por meio de uma tarefa doméstica para reconquistar seu esposo, reafirmando o discurso patriarcal. Vê-se a diferença entre Psiquê mitológica e Psiquê dos contos de fadas por meio da força do nome de uma e a ausência do nome da outra.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O que eu sei e o que eu sinto são duas coisas muito diferentes”

(Roxane Gay, 2017)

As considerações formuladas durante a pesquisa e os caminhos de interpretação construídos no tocante aos discursos sobre a mulher na literatura abrem caminho para a compreensão do quanto a historicidade, a ideologia e a linguagem nos afetam.

Por meio das formações discursivas analisadas, observa-se o poder do discurso sobre a sociedade e, conseqüentemente, os efeitos de sentidos decorrentes da sua constituição histórica na relação com a ideologia. Assim, mesmo hoje, após muita luta e resistência com o feminismo, os dizeres dos mitos e contos se repetem não apenas como uma simples reprodução de palavras, mas ecoam na formulação de quem somos.

Nesse sentido, a literatura, na condição de parte integrante do AIE Cultural, não pode ser observada sob viés da neutralidade, sem considerar sua exterioridade, uma vez que é discurso, uma representação registrada do pensamento do homem e de sua ideologia. Essa afirmação é ponto de partida para a compreensão do sujeito mulher e todos os sentidos que carrega consigo.

Assim, vale retomar as questões com as quais o estudo em voga se direcionou: o que é mulher? Quais implicações e sentidos carregam o sujeito mulher? Como é definido pela literatura clássica o feminino? Como a literatura, na condição de Aparelho Ideológico de Estado, atua no funcionamento da linguagem e afeta no real da história? E ainda, de que modo esse mesmo AIE pode propiciar os movimentos de resistência dos sujeitos silenciados? As respostas para esses questionamentos podem ser observadas ao longo da pesquisa, mas aqui serão brevemente delineadas.

Primeiramente, definir mulher a partir do que foi observado leva-nos a pensar de que lugar essa definição parte. Assim, por muitos anos, em discursos dispersos no tempo o sujeito mulher foi descrito por uma relação dicotômica enquanto o Outro, determinada por suas diferenças. Não obstante, as mulheres, por mais que carreguem cargas ideológicas de exclusão e submissão, devem ser pensadas, também, em suas individualidades, com as nuances que marcam sua história coletiva e particular.



Essa conjuntura, portanto, leva-nos a responder ao segundo questionamento, que pode ser pensado a partir da noção de memória. Destarte, por mais que haja especificidade na história de diferentes mulheres, não é possível desvincular a ideologia do sujeito, o imaginário coletivo está em nossa memória discursiva, de modo que os dizeres sobre a mulher ao mesmo tempo que apagam sua história, a constitui enquanto sujeito.

Em terceiro lugar, a literatura tem papel fundamental nessa formulação, uma vez que é parte estruturante para determinação e manutenção de sentidos, nesse caso sobre a mulher. Vale ressaltar aqui o modo como a literatura tem a presença masculina predominante na autoria, de forma que representa uma visão do homem sobre o feminino. Por conseguinte, a penúltima pergunta pode ser respondida, ao se observar as implicações desse AIE no real da história com as diferenças, por exemplo, nas divisões de trabalho, na violência contra a mulher e na misoginia fortemente presente na sociedade.

Por fim, a última pergunta pode ser direcionada pela concepção de que por mais reafirmado que o discurso seja, ele produz falhas e é justamente no silêncio, no *nonsense* e no diferente que reside a resistência. Assim, o AIE Cultural é, ao mesmo tempo, o lugar da reprodução de sentidos e o palco para a luta de classes. Portanto, a literatura produzida por homens delimita, define e institui o sujeito mulher enquanto o outro, mas é a partir dela, também, que questionamos e ousamos resistir.

Desse modo, confirma-se, por intermédio de *Eros e Psiquê* e *A Leste do Sol e a Oeste da Lua*, a constatação da AD de que há espaços de trocas entre formações discursivas, reestabelecendo as formações ideológicas como as do discurso patriarcal. Dessa forma, o interdiscurso possibilita a percepção de que cada sujeito pode assimilar o discurso de maneira distinta, tanto produzindo resistências quanto tornando-se submisso a eles.

É relevante destacar a peculiaridade dos textos analisados ao tratar de um assunto de extrema importância. Partindo, portanto, do pressuposto de que o patriarcado, por mais reafirmado que seja nos contextos históricos, não detém a ousadia em desobedecer e resistir, rompendo por vezes o silêncio. Assim, mesmo se tratando da Psiquê mítica ou da do conto de fadas, o discurso patriarcal permanece significando nas relações sociais e reverberando memórias, mas os sentidos sobre a mulher sempre poderão ser outros.

Conforme construído até o presente ponto da pesquisa, o sujeito interpelado pelo discurso encontra sua identificação a partir de ideologias estabilizadas historicamente. Desse



modo, ao relacionar essa conjuntura ao real da história, às vivências cotidianas das mulheres, principalmente no contexto atual, nota-se, por exemplo, como as relações amorosas implicam, muitas vezes, na anulação de sua subjetividade que é suplantada por uma dependência emocional e financeira em relação ao homem ou, ainda, no número crescente de intervenções estéticas extremamente invasivas ao corpo feminino de forma recorrente nas práticas femininas na sociedade.

Esse fato, vale ressaltar, não se dá apenas com mulheres que se assumem submissas - movimento comum entre conservadoras -, todavia, afeta, também, mulheres feministas, progressistas e revolucionárias. Em suma, todas estamos sujeitas ao patriarcado e devemos, portanto, reconhecê-lo, delinear-lo, analisá-lo e criticá-lo, de forma empática no tocante as outras mulheres que falham, que se sujeitam, à medida que a ideologia do patriarcado atravessa nossas experiências reais e, ainda assim, ao longo da história e da literatura as mulheres deixam os rastros de resistência em seus gestos de ruptura e desobediência.

REFERÊNCIAS

APULEIO, Lúcio. Eros e Psiquê. LeBooks Editora, final do século 2. Disponível em:

https://ler.amazon.com.br/?asin=B083ZL52H9&ref_=kwl_kr_iv_rec_2

ARAUJO, Orlando Luiz. **Eros e Psiquê ou dos caminhos navegáveis**. Revista de Letras, nº 20, vol. 1-2, 1998.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Editora Presença, 1970.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Paris: Librairie Gallimard, 4ª Ed., 1970.

BLANK, Cintia Avila. **João e Maria: do conto de fadas ao discurso publicitário**. Disponível em: www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VII/dir/arq46.pdf Acesso em: Junho de 2022.

BRAIDOTTI, Rosi. **Sujeitos nômades. Corporización y diferencia sexual em la teoria feminista contemporânea**. Paidós: México, 1998.



BRANDÃO, Junito. **Mitologia Grega vol. II**. Petrópolis, RJ: Vozes Limitada, 1987.

BUSCACCIO, Lívia Letícia Belmiro. **Análise de Discurso e ensino de literatura brasileira com sujeitos surdos entre-línguas: dizeres sobre o racismo e sujeito no Brasil do século XIX e sua insistência no XXI**. Revista Araticum, Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes v.21, n.1, 2020. ISSN: 2179-6793.

DELVALLE, Francielly da Silva. **As representações da mulher na mitologia nórdica**. Aquidauana: Democracias e Ditaduras no mundo contemporâneo – XII Encontro de Associação Nacional de História, 2014.

FAZIO, Caroline Aparecida; LAGE, Gabriela Siqueira; RICCO, Ana Carolina Souza Santos; FLORENZANO, Rafaela Almeida. **Narrativas sobre o indígena no Brasil: literatura como instrumento de silenciamento**. Porto de Galinhas, PB: VII SIMELP, 2019, p. 4401-4408.

FONSCECA, Fabiano Silva. **Eros e Psiquê: Quando a Alma é tocada pelo Amor**. Brasília: UniCEUB, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 3ª ed., 1987.

FLORIANO, João Paulo Braga. **Discursos de Amor**. Orientador: Paula Chiaretti. 141 p. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Linguagem, Universidade do Vale da Sapucaí, Pouso Alegre – MG, 2016.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, Quezia dos Santos. **"Feminismo para quê?": o funcionamento dos discursos feministas no ciberespaço**. Orientadora: Iracema Luiza de Sousa. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

MACIEL, Luana Bernardesa. **Representação da mulher por meio da sororidade e rivalidade construídas na produção seriada Big Little Lies**. Orientadora: Karina Gomes Barbosa. Monografia (graduação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. **“Já não são dois, mas uma só carne”: a heteronormatividade constitutiva do discurso litúrgico matrimonial**. Orientador: Fábio



Elias Verdiani Tfouni. 194p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, SE, 2017.

MOTERANI, Geisa Maria Batista; CARVALHO, Felipe Mio de. **Misoginia: a violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica**. *Avesso do avesso* v.14, n.14, p. 167-178, novembro 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas-SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Linguagem, sociedade e política**. Pouso Alegre: Universidade do Vale da Sapucaí; Campinas: RG Editores, 2014. 230p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Mito e Discurso: observações pé da página**. *Revista de Antropologia*, vol. 27/28, 1984, pp. 263–70, Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41618577> Acesso em: 21 Apr. 2022.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª ed., Campinas, SP: Pontes Editora, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Eu, tu, ele: Discurso e real da história**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto**. Campinas: Pontes, 2001.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino**. Porto Alegre: Rev. Em Questão, v. 12, n. 1, p. 73-90, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **O Mecanismo do (des)conhecimento ideológico**. In: Um mapa da ideologia/ Theodor W. Adorno... [et. al.] j organização Slavoj Zizek; tradução Vera Ribeiro. - Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **Ousar pensar e ousar se revoltar: Ideologia, marxismo e luta de classes**. *Décalages*, Vol. 1, 2014.



PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: ed. UNICAMP, 2009 [1975].

PRIORI, Mary Del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo, SP: Editora Planeta do Brasil Ltda., 2011.

ROCHA, Michele Mendes; BOFF, Uiliam Ferreira. **A Metamorfose da Personagem Psiquê em Apuleio**. Revista Ideias do Curso de Letras. Santa Maria, RS, p. 55 – 58. Disponível em: [a metamorfose da personagem psique.pdf](#). Acesso em: maio de 2022.

SAFFIOTI, Heleith I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

SALES, Miryan Conceição Crusoé Rocha. **A memória discursiva na narrativa do conto de fadas “a bela e a fera”**. Revista Pandora Brasil, Nº 44 - Julho de 2012 - ISSN 2175-3318 "Narrativas infantis e memória".

SILVA, Aline Vasconcelos Souto. **O Discurso machista em *A Bela Adormecida* ao discurso feminista em *Malévola*: o papel da mulher na sociedade ao longo dessas narrativas fantásticas**. Orientadora: Maria de Lourdes da Silva Leandro. Monografia (graduação) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.

TATAR, Maria. **Contos de Fadas: Edição Comentada e Ilustrada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

VOÇOSSI, Cristiano Egger; RITTES, Evailton Guglielme; RODRIGUES, Sudney Lopes. **A Ambiguidade de Eros no mito Eros e Psiquê**. Revista Ideias do Curso de Letras. Santa Maria, RS, p. 51 – 54. Disponível em: [a ambiguidade de eros no mito de eros e psique.pdf](#). Acesso em: maio de 2022.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usados contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.



XAVIER, Vicentina dos Santos Vasques. **O que dizem sobre as mulheres? O funcionamento discursivo da metáfora e da metonímia.** Orientadora: Silvia Regina Nunes. Tese (doutorado) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2021.



Professora Dr^a Ana Maria Di Renzo

Karina de Oliveira Duarte



**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**

